

[TT00396]

Doces fragmentos de loucura

Isis Baião

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Doces fragmentos de loucura

DOCES FRAGMENTOS DE LOUCURA

de ISIS BAIÃO

À Luíza Barreto Leite, que sempre tenta mudar a ordem das coisas.

Rio, 1987

PERSONAGENS PRINCIPAIS:

EUFRÁZIA, A ANCIÃ CEGA - Pode ter 70 ou 100 anos. É interessante que seja interpretada por uma atriz apenas madura, caracterizada de velha, pois sua velhice, como a cegueira e até ela mesma, são de "faz de conta".

ISOLDA, A ESCRITORA - Entre 38 e 45 anos. A princípio, é o contraponto de Eufrázia, o dado de realidade no delírio daquela casa. Vai entrando no delírio e encarnando suas próprias personagens: JUREMA, BEBEL, BLOODY MARY.

ELENCO MÍNIMO: 4 atrizes

2 atores

Quadro I - Casa de Eufrázia

CENA 1

(O DIA AMANHECE. SENTADA NUMA CADEIRA DE BALANÇO, EUFRÁZIA DESPERTA. BOCEJA, ESPREGUIÇA-SE. COM ELEGÂNCIA, AGITA UM PEQUENO SINO DE PRATA SOBRE UMA MESINHA DE CABECEIRA AO LADO).

(SURGE A EMPREGADA, MARIA. TRAZ UMA BACIA, UM COPO D'ÁGUA ONDE ESTÁ IMERSA UMA DENTADURA, UMA ESCOVA DE DENTES E UMA TOALHA DE ROSTO. COLOCA OS OBJETOS SOBRE A MESINHA, COM GESTOS PRECISOS, EXTREMAMENTE PROFISSIONAIS, ESCOVA A DENTADURA, ENFIA NA BOCA DE EUFRÁZIA. DEPOIS TIRA-LHE OS ÓCULOS ESCUROS E LAVA-LHE O ROSTO. TORNA A COLOCAR OS ÓCULOS NOS OLHOS SEM LUZ DA ANCIÃ. RECOLHE O MATERIAL DE ASSEIO MATINAL. SAI. VOLTA EM SEGUIDA COM UM VIDRO DE REMÉDIO E UMA COLHER. A ANCIÃ ABRE MAQUINALMENTE A BOCA PARA A COLHER E FAZ UMA CARETA, REAGINDO AO AZEDUME DO REMÉDIO. MARIA SACA DO BOLSO DO AVENTAL UMA TORRÃO DE AÇÚCAR E O ENFIA NA BOCA DA ANCIÃ COM PRECISÃO. PEGA UM JORNAL E O COLOCA SOBRE A MESINHA DE CABECEIRA).

(A CAMPAINHA TOCA. MARIA CORRE ATENDER À PORTA. AO ABRIR A PORTA DÁ COM UMA MULHER, QUE CARREGA UMA GRANDE SACOLA À TIRACOLO E UMA MÁQUINA DE ESCREVER PORTÁTIL. A MULHER ESTÁ PARADA, COMO SE ESPERASSE ORDEM PARA ENTRAR).

EUFRÁZIA (COM VOZ TONITROANTE) - Bem vinda à casa de Eufrázia!

(A MULHER DÁ UM PASSO TÍMIDO À FRENTE).

MULHER - Obrigada...

EUFRÁZIA - Veio pelo anúncio, já sei. Entre, não faça cerimônia.

(A MULHER DÁ MAIS DOIS PASSOS À FRENTE).

MULHER - Me chamo Isolda.

EUFRÁZIA - Espero que o seu Tristão descanse em paz.

ISOLDA - É o que eu espero. Obrigada. (SORRI)

EUFRÁZIA - Maria, leve os pertences da moça para o quarto de hóspedes.

(PARA ISOLDA).

Leia o seu curriculum.

(ISOLDA TIRA DA SACOLA, QUE JÁ ESTÁ NA MÃO DE MARIA, UM BOLO DE PAPÉIS).

ISOLDA (LENDO) - Cursos: Inglês, no Instituto Brasil-Estados Unidos; Italiano, no Instituto Italiano de Cultura; Francês, na Aliança Francesa; Alemão...

EUFRÁZIA - Você fala tudo isso?

ISOLDA - Está aqui no meu curriculum!

Doces fragmentos de loucura

EUFRÁZIA- Hum! Prossiga.

ISOLDA (LENDO) - Curso de Leitura Dinâmica...

EUFRÁZIA (CORTANDO-A) - Isto não me interessa. Gosto de saborear a leitura. Pegue o jornal. Vamos ver a sua leitura.

ISOLDA (PEGANDO O JORNAL) - Que que a senhora prefere ?

EUFRÁZIA - Amenidades.

(ISOLDA LÊ ALGUMA NOTÍCIA)

EUFRÁZIA - Quanta falta de estilo e imaginação nessa imprensa! Chega. (NT) Mas você tem uma bela voz e sabe ler. Oito mil cruzados, com casa e comida. Servem?

ISOLDA - Creio que sim.

(MARIA ENTRA TRAZENDO UMA BANDEJA COM O CAFÉ DA MANHÃ)

EUFRÁZIA - Já tomou café da manhã

ISOLDA - Obrigada. Bom apetite.

EUFRÁZIA - Maria, mostre a casa à moça.

(MARIA E ISOLDA SAEM. EUFRÁZIA VIRA O COPO DE SUCO COM PRAZER. MORDE O SANDUICHE TAMBÉM COM PRAZER, MAS LOGO PERCEBE QUE NÃO ESTÁ A SEU GOSTO. COME MAIS UM PEDAÇO DO SANDUICHE E ATIRA O RESTO PELA JANELA AO FUNDO. DÁ UM SORRISO MAROTO).

(MARIA VOLTA À SALA, SEGUIDA DE ISOLDA. VÊ O SORRISO NA CARA DA VELHA, A BANDEJA VAZIA)

MARIA - A SENHORA JOGOU O SANDUICHE PRA ELES, DE NOVO?

EUFRÁZIA - Estava uma porcária. Apresente "Bloody Mary" e "Cuba libre" à moça.

MARIA (INDO PRA JANELA) - Ela joga pr'esses imundo toda a comida que eu faço. (PRA ISOLDA). Venha ver.

(ISOLDA APROXIMA-SE DA JANELA)

MARIA - Repare. Parece bicho brigando por resto de sanduíche. E são bicho mesmo, num olham pra gente, num falam, só fazem barulho esquisito e bebem que nem gambá. Num sei que que ela vê nesses traste!

ISOLDA - Eles entram aqui ?

MARIA - Inda não. Se entra por uma porta, eu saio pela outra.

ISOLDA (BAIXO) - Mas como que ela sabe que eles estão aí? Ela é cega!

EUFRÁZIA (TONITROANTE) - Sou cega, mas não tanto quanto a justiça! (DÁ UMA RISADA) Não se assuste, moça. Você vai aprender muito nesta casa! Venha ler um pouco para esta velha cega.

(ISOLDA PEGA O JORNAL)

EUFRÁZIA - Não, pegue um livro. Não gosto de jornais. Dão más notícias e são mal escritos.

(ISOLDA APROXIMA-SE DE UMA ESTANTE DE LIVROS NA PAREDE)

ISOLDA - A senhora tem preferência ?

EUFRÁZIA - Escolha. Quero ver se tem bom gosto literário.

(ISOLDA CORRE OS OLHOS SÔBRE AS LAMBADAS DOS LIVROS NA ESTANTE. ESTÁ TENSA, SENTE-SE RESPONDENDO A UM TESTE. RETIRA UM LIVRO).

ISOLDA - "Orlando", de Virgínia Woolf...acertei?

EUFRÁZIA (ENCANTADA) - Virgínia Woolf ! Como que você adivinhou? "Orlando" é o meu predileto. Foi meu marido quem me deu este livro. Ele adorava Virgínia Woolf!, a primeira dama da literatura inglesa, de todas as literaturas, em todos os tempos! É uma grande mulher! Será que ela sabia disso? As mulheres quase nunca são conscientes da sua grandeza, ao contrário dos homens! (NT) Você acha que os homens são uns tolos?

ISOLDA - Não, não, não exatamente...

EUFRÁZIA - Pois eu acho. Até hoje não entendi porque eles são promovidos de jovens idiotas a adultos competentes. As meninas são quase sempre mais inteligentes do que os meninos, não acha? Infelizmente, só tive filhos homens. (NOVAMENTE ENCANTADA). Mas meu marido era exceção! Leia, leia. Abra na página que ele deixou marcada.

(ISOLDA ABRE O LIVRO NA PÁGINA MARCADA POR UM PEDAÇO DE PAPEL AMARELECIDO PELO TEMPO. COMEÇA A LER).

ISOLDA (LENDO) - "Senhor! Senhor!", tornou a gritar, ao concluir os seus pensamentos, "devo, então, começar a respeitar a opinião do outro sexo, embora me pareça monstruosa? Se uso saias, se não posso nadar, se tenho de ser salva por um marinheiro, Deus meu!"

(ENTRA A EMPREGADA. EUFRÁZIA FAZ UM SINAL PARA QUE ISOLDA PARE DE LER).

EUFRÁZIA - Já lhe disse para não interromper as minhas leituras.

MARIA - Desculpe, é que o Dr. Eusébio telefonou. Diz que tá vindo pra cá.

EUFRÁZIA - Não perguntou se eu poderia recebê-lo?

MARIA - Ele nunca pergunta!

EUFRÁZIA - Você devia ter dito que eu não estava em casa.

MARIA - Mas a senhora nunca sai de casa!

EUFRÁZIA - Da próxima vez diga que fui ao cinema. (FAZ UM SINAL PARA QUE A EMPREGADA SE RETIRE). Ele nem pergunta se terei ou não o prazer em vê-lo! Geralmente, não tenho. Leia, moça, leia.

ISOLDA (LENDO) - "...gritou..."que hei de fazer?" Recordava como atinha insistido, nos seus tempos de rapaz, em que as mulheres devem ser obedientes, castas, perfumadas e caprichosamente enfeitadas. "Agora tenho que pagar com o meu corpo por aquelas exigências", refletiu Orlando , "pois as mulheres não são por natureza obedientes..."

(A CAMPAINHA TOCA. ISOLDA PÁRA DE LER. MARIA ATENDE À PORTA. FAZ-SE UM SILÊNCIO PESADO POR UM INSTANTE. ENTRA EUSÉBIO).

EUSÉBIO (EFUSIVO) - Vim ver a minha querida mãezinha!

EUFRÁZIA (IDEM) - Não faz mais do que sua obrigação, seu malandrinho!

(BEIJA A MÃE. ISOLDA AFASTA-SE, FICA A OBSERVÁ-LOS).

EUFRÁZIA - Então, como vão os meus netos ?

Doces fragmentos de loucura

EUSÉBIO - Ótimos. Lindos, como a avó!

EUFRÁZIA - Hum! Nem a mãe escapa aos seus galanteios! Vou contar pra tua mulher! E o consultório?

(EUSÉBIO, SUBITAMENTE SÉRIO)

EUSÉBIO - Só contas a pagar! Parece que ninguém mais adoece nesta cidade! Maldita saúde!

(EUFRÁZIA ENFIA A MÃO NO BOLSO DA SAIA E RETIRA UM TALÃO DE CHEQUE E UMA CANETA. PREENCHE UM CHEQUE COMO SE ENXERGASSE. EUSÉBIO FAZ QUE NÃO PERCEBE ATÉ QUE ELA LHE ESTENDE O CHEQUE)

EUFRÁZIA - É o que posso dar hoje.

(EUSÉBIO EMBOLSA O CHEQUE IMEDIATAMENTE).

EUSÉBIO: E agora, que que você vai pensar de mim? Vai pensar que vim aqui só pra dar uma facadinha na minha mãezinha?

EUFRÁZIA (SUBITAMENTE NERVOSA) - Não gosto deste termo. Já me sinto esfaqueada. (NT) Sua mãe algum dia lhe negou alguma coisa?

EUSÉBIO - Negou. Não se casou comigo e eu não consegui resolver o meu complexo de Édipo.

EUFRÁZIA (FAZENDO CHARME) Proibo-o de ter esses pensamentos com a sua mãe!

EUSÉBIO - Agora, vou dar uma picadinha na veiazinha da mina mãezinha!

EUFRÁZIA (AGORA FRÁGIL , AMEDRONTADA) - Não, você disse que era só uma vez por semana!...

EUSÉBIO - E é. Esta semana você ainda não tomou a injeção.

(TIRA DO BOLSO UMA SERINGA E UMA AMPOLA DE INJEÇÃO).

EUFRÁZIA (COMO CRIANÇA, QUASE CHORANDO) - Tomei, tomei, pare de me enganar... (CRUZA OS BRAÇOS PROTEGENDO-SE)

EUSÉBIO (SUBITAMENTE VIOLENTO) - Não me faça pensar que está ficando esclerosada!

(ELA SE CONTROLA RAPIDAMENTE. METE A MÃO NO BOLSO DA SAIA. RETIRA UMA SERINGA DESCARTÁVEL E UMA AMPOLA DE INJEÇÃO)

EUFRÁZIA - Pois eu quero tomar a injeção com a minha seringa e a minha ampola.

EUSÉBIO (CONTENDO A IRRITAÇÃO) - Está bem.

(A LUZ MORRE)

CENA 2

(MARIA PENTEIA EUFRÁZIA. PUXA-LHE OS CABELOS MAIS DO QUE O NECESSÁRIO, PARECENDO TIRAR PRAZER NAQUILO, EMBORA SEUS GESTOS E EXPRESSÕES SEJAM EXTREMAMENTE IMPESSOAIS, PROFISSIONAIS. EUFRÁZIA COCHILA).

(AO FUNDO, ISOLDA ESTÁ AO TELEFONE. OUVI, COM IMPACIÊNCIA).

ISOLDA (AO TELEFONE) - Eu acho que o senhor não entendeu. Levei um texto à emissora e ainda não obtive resposta. Quero saber se a emissora pretende comprá-lo ou não. (...) Isolda, meu senhor, assino-me apenas Isolda. (...) Sim, veja aí no seu computador.

(Começam a entrar ruídos estranhos vindos da rua)

ISOLDA (AO TELEFONE) - O quê? Está no Arquivo Morto? Mas o que significa isso? A emissora já tem o poder de matar os meus personagens, sem me pagar?

EUFRÁZIA (DESPERTANDO ASSUSTADA) - Não, não me mate! Isolda!

(OS RUÍDOS DE FORA AUMENTARAM. MARIA CORRE PRA JANELA)

MARIA (DA JANELA) - Dona Eufrázia, os mendigos tão fazendo safadeza de novo!

(EUFRÁZIA LEVANTA-SE QUASE LÉPIDA. ISOLDA CORRE PARA AJUDÁ-LA, MAS LOGO PERCEBE QUE A ANCIÃ ANDA COMO SE ENXERGASSE)

MARIA (EXCITADÍSSIMA) - Venha ver, dona Isolda! Parece bicho mesmo. Veja só, faz essas indecências no meio da rua!

(AGORA ESTÃO AS TRÊS À JANELA. DIVERTEM-SE).

ISOLDA - Olha só, as pessoas desviam, fingem não ver! Epa, esse não desviou...

MARIA - Ih, o home quase tropeçou neles!

HOMEM (OFF) - Desculpe, gente fina! Vai fundo, companheiro!

MARIA (meio histérica) - Ih, o guarda viu!

EUFRÁZIA - Não vou permitir que esse tira os maltrate!

GUARDA (OFF) - Meu amigo, é proibido "afogar o ganso" em via pública...

MARIA - Olha só, eles nem te ligo pro guarda!

GUARDA (OFF) - Ô, cara, tá me ouvindo?

EUFRÁZIA - Maria, pega lá, pega lá, rápido!

MARIA - Mas, dona Eufrázia, é a última! E é a estrangeira!

EUFRÁZIA - Não discuta, vá buscar!

(MARIA SAI CORRENDO)

ISOLDA - O guardinha tá ficando puto. Será que são surdos?

(AUMENTARAM OS RUÍDOS DE AMOR DOS MENDIGOS)

EUFRÁZIA (DELICADA) - O prazer ensurdece e cega!

GUARDA (OFF) - Porra, acaba logo com isso, cara! Vamo lá ...

Doces fragmentos de loucura

(MARIA VOLTA COM UMA GARRAFA DE CHAMPAGNE. EUFRÁZIA SACO A ROLHA DA GARRAFA, QUE ESPOCA EM UNÍSSONO COM O GOZO DOS MENDIGOS).

MARIA (GRITANDO PRA BAIXO) - Se arrede daí, seu guarda!

(EUFRÁZIA DERRAMA A CHAMPAGNE PELA JANELA).

EUFRÁZIA - Viva Bloody Mary! Viva Cuba Libre! Viva o povo brasileiro!

MARIA (RINDO) - Vije! Tão de boca pra cima aparando a bebida! Parece dois gambá!

(AS TRÊS RIEM MUITO. EUFRÁZIA TEM UM ACESSO DE TOSSE. MARIA E ISOLDA A LEVAM PARA A CADEIRA).

(MARIA CORRE LÁ DENTRO E VOLTA COM O REMÉDIO. ENFIA UMA COLHER DE REMÉDIO NA BOCA DA ANCIÃ E, EM SEGUIDA, UM TORRÃO DE AÇÚCAR).

EUFRÁZIA - Ah, Eufrazia, se você fosse uma elefanta, já estava indo pro cemitério com as próprias pernas! Mas o ser humano não tem a dignidade dos elefantes!

ISOLDA - Quer que eu leia alguma coisa pra senhora?

EUFRÁZIA - Conte-me a sua história.

ISOLDA - Minha história? Não tem muita graça. Três maridos, ou ex-maridos, iguaisinhos! Sabe que tinham até o mesmo cheiro? Tenho pensado nisso ultimamente: será que não tenho um olfato sensível ou careço de qualquer imaginação?...

EUFRÁZIA - Você deve ser uma bela mulher, Isolda!

ISOLDA - Não sei... acho que nem tanto...

EUFRÁZIA - Não se olha muito no espelho?

ISOLDA - Não muito...

EUFRÁZIA - É preciso olhar-se no espelho!

ISOLDA - Não gosto. Tenho a impressão que o de dentro não combina com o de fora. Quando eu era adolescente, me imaginava um tipo feia e charmosa. Não sou feia, nem tenho o charme de uma Lauren Bacall!

EUFRÁZIA - Olhar-se no espelho tem outras utilidades... (NT) Por que veio?

ISOLDA - Pelo anúncio.

EUFRÁZIA - Isto eu já sei. Estou falando de outras coisas.

ISOLDA - Desemprego, dureza, querer ser escritora num país subdesenvolvido. Chega?

EUFRÁZIA - Estas são razões circunstanciais.

ISOLDA - Não sei que outras razões poderia ter!

EUFRÁZIA - Você acha sempre que seguiu sua cabeça, mesmo quando segue sua intuição, não é?

ISOLDA - Acertou. Como percebeu? Dou tanta bandeira assim? Quase não falei...

EUFRÁZIA (SORRI) - Oh, minha pequena, a fala é a quem menos diz como os olhos são os que menos veem!

ISOLDA (PARA SI MESMA) - Já ouvi isso! Talvez dentro da minha cabeça! Essa velha é uma bruxa!

EUFRÁZIA - Você também é uma bruxa, Isolda. Os artistas e homossexuais são sempre bruxos. Você é homossexual?

ISOLDA (MEIO VEXADA) Não. Eu, hein! Gosto de homens, quer dizer, pelo menos, até agora...

EUFRÁZIA - É pena. Deve ser linda a relação entre mulheres! Só vim pensar nisso muito tarde, infelizmente!

ISOLDA - Bom, nunca é tarde... (NT) A senhora às vezes me assusta...

EUFRÁZIA (DÁ UMA RISADA) Por que?

ISOLDA - Parece que não tem valores! Acho que sem valores, eu me sentiria solta demais no mundo...

EUFRÁZIA - Sobre o que está escrevendo?

ISOLDA - Quer saber mesmo?

EUFRÁZIA - Sempre quero saber.

ISOLDA - Acho melhor não lhe dizer... Poderia assustar-se...

EUFRÁZIA - Assustar-me? (SORRI) Não me assusto com nada!

ISOLDA - Não mesmo? Se algo ameaçasse a sua identidade, não se assustaria?

EUFRÁZIA - Nem um pouco. Bom, se não quiser falar, não fale, mas acho que devia... Um escritor, quando está em crise de criação...

ISOLDA - Não é o meu caso. Desconfio que estou até muito criativa, as idéias saindo pelo ladrão! Só não consigo me fixar numa estória, porque são muitas estórias, pedaços de estórias, como se fossem peças de um quebra cabeça. Uma loucura!

EUFRÁZIA - e que mal faz em contar pedaços de estórias? Prefiro assim. Eu mesma gosto de encontrar os fios das minhas meadas. Detesto que interfiram na minha criatividade!

ISOLDA - Ah, é? Pois saiba que o público quer estórias muito bem contadas!

EUFRÁZIA - Você é muito ortodoxa, Isolda.

ISOLDA - Acadêmica, é o que quer dizer. Mas não sou acadêmica. A senhora não ficaria muito bem numa peça acadêmica...

EUFRÁZIA - Eu disse ortodoxa, ortodoxa mesmo. Você é assim também na vida. Você só vive isso ou aquilo. É preciso viver isso, aquilo, todas as possibilidades e até as impossibilidades!

ISOLDA - É, tem razão. Acho que não consigo mesmo deixar de ser careta! Vou lhe confessar uma coisa: sabe que sou marxista? Há coisa mais careta do que ser marxista nessas alturas dos acontecimentos? Pois eu sou! Já fiz até análise pra deixar de ser e não consigo. A senhora ri? Tô falando sério. Isso me faz sofrer horrores! Acho que tem a ver com a minha dor de estômago.

EUFRÁZIA - Já foi a um candomblé?

ISOLDA - Como? Não, não acredito nessas coisas.

EUFRÁZIA - Neste país, até judeu acredita em candomblé!

ISOLDA - Mas por que essa pergunta agora?

Doces fragmentos de loucura

EUFRÁZIA - Num só ritual, os sacerdotes e sacerdotisas do candomblé são capazes de viver diversas vidas, ou pedaços de estórias, como você quiser chamar.

ISOLDA (IRÔNICA) - Devem ser ótimos atores!

EUFRÁZIA - Não seja tão defensiva, Isolda. Assim você jamais será uma Virgínia Woolf! O mundo não é apenas esta coisa tola e maçante que os seus olhos veem. (NT) Agora me deixe dormir um pouco. A velha elefanta está cansada.

(PARECE ADORMECER IMEDIATAMENTE. ISOLDA LEVANTA-SE, VAI SAINDO DA SALA, MAS VÊ UM ESPELHO E PÁRA DIANTE DELE. APROXIMA MAIS O ROSTO DO ESPELHO)

EUFRÁZIA - O que vê?

ISOLDA - Tenho um olho menor do que o outro e nunca tinha percebido!

EUFRÁZIA - Não brinque.

ISOLDA - Espere! Ouço...

EUFRÁZIA - O que?

ISOLDA - Não sei ... Vou anotar (CORRE E PEGA CANETA E PAPEL. GRUDA OS OLHOS NO ESPELHO E ESCREVE). Você está culpada como uma freira. As mulheres têm uma culpa suicida! Por isso preferem o fracasso... Qué isso? Era a sua voz!

EUFRÁZIA (FALSA) - Miiiiinha?

ISOLDA - Não me sinto culpada nem fracassada. Que merda é essa?

EUFRÁZIA - Ora, querida, você nasceu num país onde as coisas do espírito são artigos de luxo. É difícil vender artigos de luxo numa república de bananas! Na verdade, fracasso é a sua pátria!

ISOLDA - Nossa pátria!

EUFRÁZIA - Sua. Eu já não estou aqui. Já sou alma empoleirada no Além! E saia da frente desse espelho para que eu possa dormir. Suas emanações me perturbam. Me esqueça um pouco.

(ISOLDA SAI DA FRENTE DO ESPELHO E A ANCIÃ ADORMECE IMEDIATAMENTE)

(A LUZ MORRE)

CENA 3

(EUFRÁZIA E ISOLDA ESTÃO À MESA DO ALMOÇO. ISOLDA ABRE UM CHAMPAGNE)

EUFRÁZIA - Champagne?

ISOLDA - Hoje faz dois meses que estou aqui. Quero comemorar o nosso encontro. (SERVE EUFRÁZIA E A SI PRÓPRIA) Tim-tim! Viva Bloody Mary, viva Cuba Libre, viva o povo brasileiro!

EUFRÁZIA - Viva a minha Virgínia Woolf!

ISOLDA - Viva a minha querida dona Eufrázia, a mais lúcida das loucas, bruxa e sábia como devia ser todo o gênero feminino!

EUFRÁZIA - Não me faça chorar. A velha elefanta já não tem lágrimas. Venha me dar um beijo e não me chame mais de dona.

(ISOLDA BEIJA A ANCIÃ. ABRAÇAM-SE)

EUFRÁZIA - Também estou feliz de ter você aqui. Eu já a esperava.

ISOLDA - Mesmo? Então a senhora, quero dizer, você, sabe?...

EUFRÁZIA - Claro! Nós nos conhecemos há séculos, minha querida! Estivemos várias vezes no mesmo galho, lá no Poleiro das Almas!

ISOLDA (DANDO UMA RISADA) - No Poleiro das Almas? Não, a nossa relação não começou em nenhum poleiro, pelo menos que eu me lembre, não. (NT) Escute, você sente que existe?

EUFRÁZIA - Que pergunta! Estou quase deixando de existir! Você não sente que existe? Não venha me dizer que você é uma fantasia minha!

ISOLDA - Não, ao contrário... quer dizer... E se eu lhe dissesse....

(ENTRA EUGÊNIO, FILHO MAIS NOVO DE EUFRÁZIA, COMO UM VULCÃO).

EUGÊNIO (ENFURECIDO) - Mamãe, o Síndico acaba de sair da minha casa. Fudeu com o meu almoço de Domingo...

EUFRÁZIA (SEM SE ABALAR) - Dê boa tarde para as senhoras, Eugênio.

EUGÊNIO (ATRAPALHADO) - Desculpem, boa tarde.

ISOLDA - Boa tarde.

EUFRÁZIA - Deu goteira na cobertura?

EUGÊNIO (NOVAMENTE ENFURECIDO) - Antes fosse. Prefiro uma goteira a ter o Síndico na hora do almoço. E sabe por que, mamãe? Já não há apenas um casal de mendigos na calçada do prédio. A população triplicou!

EUFRÁZIA - Bloody Mary e Cuba Libre são muito sociáveis!

EUGÊNIO - E o Síndico acha que os mendigos estão sendo atraídos pela comida e bebida que a senhora joga pra eles. E ele disse que já veio aqui várias vezes falar com a senhora, mas a senhora não o recebe.

EUFRÁZIA - Não recebo nem ministros quanto mais síndicos! Detesto inutilidades!

Doces fragmentos de loucura

EUGÊNIO - Mamãe, todo prédio precisa de um Síndico. Eles são chatos , em geral, mas... Além do mais, ele tem razão, mamãe. Jogar comida pela janela é um absurdo! Eu não entendo, uma mulher da sua classe...

EUFRÁZIA - Meu filho, não seja tão lugar comum!

EUGÊNIO - Será que a senhora não percebe que tá emporcalhando a calçada, que isto é um ato de vandalismo, um incivilidade, um desobediência civil!

EUFRÁZIA - Alto lá! Não admito que diga que sua mãe está praticando um ato de desobediência civil! Para desobedecer, eu teria que reconhecer a obediência. Simplesmente não a reconheço. Agora sente-se. Quer almoçar?

EUGÊNIO (AMUADO) - Não, obrigado.

ISOLDA - Escuta aqui, não tenho nada com isso, mas você acha mesmo que os mendigos aumentam nesta cidade porque tua mãe joga comida pra eles?

EUGÊNIO - Claro que não, não seu burro. Estou preocupado com a minha vida, o reto que se dane. Não sou autoridade. Se fosse, essa corja de vagabundos, não estaria no meio da rua.

ISOLDA - Você ia fazer o que? Jogá-los no rio em forma de "presunto"? Já fizeram isso e não resolveram o problema. É porque a corja não é de vagabundos, é de famintos! Incomodam mesmo, expõem a nossa miséria!

EUGÊNIO (IRÔNICO) - Sabe que você é a décima segunda socialista que cruza o meu caminho hoje? Parece que ninguém mais é capitalista neste país capitalista! Todos fizeram opção pelos pobres!

ISOLDA - Pois eu começo a detestar pobre! Pobre só presta pra dar culpa na gente. Que virem "presunto"!

EUFRÁZIA (QUE PARECIA ALHEIA À DISCUSSÃO) - O socialismo é apenas mais justo do que o capitalismo, mas resulta também numa porcaria. O mundo só será feliz quando as autoridades nascerem mortas!

EUGÊNIO (VOLTANDO A ENFURECER-SE) - Que que a senhora quer, mamãe? Que cada um faça o que quiser, não tenha contas a prestar a ninguém, uma zorra total, banana pra família, é isso?

EUFRÁZIA (TEMA) - Eugênio, meu filho, como que você pode ser tão jovem e tão medroso?

EUGÊNIO - Não sou medroso.

EUFRÁZIA - É sim. É o medo de ser que faz um conservador. Meu filho, eu criei vocês pra voar e vocês ficaram tão presos à média! Em que que eu errei, me diga?

EUGÊNIO - Eu também estou decepcionado, dona Eufrázia! Pensei que, com a velhice, a senhora tomasse juízo. Mas não, continua a mesma de quando eu era criança e tinha a sensação de que a qualquer momento a senhora e papai iam se matar.

EUFRÁZIA (SONHADORA) - Brigávamos porque nos adorávamos!

EUGÊNIO - Não entendo essa adoração. Eu achava que vocês se odiavam. A senhora provocava o coitado do velho o tempo todo e, quando ele estava enfurecido, a senhora se sentava no piano e tocava um tango. Aquele tango sempre me dava a impressão de que ia rolar tragédia.

(ISOLDA DÁ UMA RISADA).

EUGÊNIO - Engraçado, não é? Mas eu não achava, vivia em estado de pânico. Até hoje tenho horror a tango.

ISOLDA - Ah, eu adoro tantos!

EUFRÁZIA - Mesmo? E sabe dançar?

ISOLDA - Uma vez, eu e meu último ex-marido ganhamos um campeonato.

EUFRÁZIA (ALEGRÍSSIMA) - Isolda, coloque um disco de tangos.

EUGÊNIO (EM PÂNICO) - Não, mamãe!

EUFRÁZIA - Coloque o disco, Isolda.

(ISOLDA CORRE A COLOCAR O DISCO).

EUGÊNIO - Espere, deixe eu sair primeiro...

EUFRÁZIA (ESTENDENDO A MÃO PRA ISOLDA) - Agora tire-me pra dançar.

(ISOLDA ESTENDE A SUA MÃO, PUXA EUFRÁZIA PARA SI, JÁ EM CLIMA DE TANGO. COMEÇAM A DANÇAR O TANGO).

EUGÊNIO - Mamãe, você vai cair, quebrar uma perna, um braço...

EUFRÁZIA - Alícia Alonso nunca quebrou um dedo!

EUGÊNIO - Alícia Alonso já era bailarina antes de ser sega.

EUFRÁZIA - Qual a diferença?

EUGÊNIO (SAINDO, TAPANDO OS OUVIDOS) - Louca, louca...

(AS DUAS DÃO RISADAS).

ISOLDA - Você diz que ele só vem pra pedir dinheiro. Hoje ele não pediu!

EUFRÁZIA - Voltará para pedir.

ISOLDA (FALANDO NO RÍTMO DO TANGO) - E dona Eufrázia, a anárquica, a que vê muito além do seu nariz, vai soltar a grana, como a mais comum das mães!

EUFRÁZIA - O dinheiro evita o matricídio!

ISOLDA - Ou provoca...

EUFRÁZIA (SENSUAL) - Que vençam los toros e los toreadores! (MAIS SENSUAL) Isolda, como você é energética, viril! Estou sentindo agulhadas em minhas velhas carnes!

ISOLDA (COM MALÍCIA) - Ih, não exagere, dona Eufrázia! Nós temos um "caso", mas não é nesses termos...

(DÃO RISADAS E CONTINUAM A DANÇAR, ENQUANTO A LUZ VAI MORRENDO).

Doces fragmentos de loucura

QUADRO II - Jurací x Jurema

CENA 1

A CENA VAI-SE ILUMINANDO AOS POUCOS. OUVEM-SE AINDA ALGUNS ACORDES DO TANGO, QUE CESSAM QUANDO ENTRA JURACÍ. ISOLDA ESTÁ SOZINHA EM CENA, EM FRENTE AO ESPELHO, OLHANDO-SE ATENTAMENTE. ENTRA EUFRÁZIA. PÁRA ATRÁS DA OUTRA, OLHA PARA O ESPELHO).

EUFRÁZIA - E aí?

ISOLDA - Está vendo?

EUFRÁZIA (IRÔNICA)- Sou cega!

ISOLDA - Sabe quem é ela?

EUFRÁZIA - Psiu, não fale. Não se fala dessas coisas, Jurema.

ISOLDA (VIRANDO-SE ESPANTADA) - Como você adivinhou?

EUFRÁZIA (COM DESDÉM) - Uma estória banal! Mas você deve vivê-la. Mesmo as estórias banais merecem ser vividas.

ISOLDA - Você está com ciúmes, porque não vai entrar na estória.

EUFRÁZIA - Quem lhe garante? (SENTA-SE NA CADEIRA DE BALANÇO). (IMEDIATAMENTE, A ALGUNS PASSOS DAS DUAS, SURGE JURACÍ).

JURACÍ (ENTRANDO, AFLITO) - Jurema! Jurema!

(ISOLDA VIVE AGORA O PAPEL DE JUREMA)

JUREMA - Me esquece.

(JURACÍ E JUREMA FICAM DE COSTA UM PARA O OUTRO. CADA UM FALA PARA UM INTERLOCUTOR INVISÍVEL À SUA FRENTE)

JURACÍ - Não te disse? Não, cara, eu não aguento mais viver com essa fera. Ela me bota pra fora de casa todo dia!

JUREMA - Todo dia ele diz que vai embora. Eu não suporto ser abandonada. Dói muito, sabe, dói!

JURACÍ - Ela me cobra até a ausência do mau humor. Se acordo numa boa, é porque sobhei com outra.

JUREMA - Você viveria com um homem que só trepa com você de cueca? E não é por pudor não. Ele passa o dia pelado pela casa, mas na hora de trepar, bota a cueca. Deve ter nojo do meu sexo. Ou será que faz isso só pra me sacanear?

JURACÍ - nada que eu dê pra ela é suficiente. Tô sempre em dívida, na cama, na mesa e até no banheiro, cara! Sim, não tenho nem direito de tomar um banho decente!

Ela conta os minutos e um minuto a mais significa que tô tirando o caldo que é dela.

JUREMA - Dói muito, viu, dói muito amar um homem que vive te ameaçando de separação, que só tem risos e carinhos para os amigos, que é um chato, um chato de gravata borboleta!

JURACÍ - Não posso mais. Vou pirar, bicho. A merda é que eu amo essa desgraçada.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Doces fragmentos de loucura

JUREMA - (SUPER-DRAMÁTICA) - Eu vou te arrancar do meu coração como se arranca uma erva daninha!, uma praga!, um demônio empestiado!

JURACÍ - Sabe o que mais me pira nesta megera? Ela só ouve o que quer e interpreta tudo de acordo com a paranóia e a megalomania dela.

JUREMA - Ele tem uma coisa que me irriiita às raias da loucura: é capaz de dizer a maior asneira com uma segurança inabalável!

JURACÍ - Jurema é uma vampira!, cara. Eu não sei como suporto essa mulher há tanto tempo! Não, eu não vou conseguir, vou deixar essa sanguessuga.

(JURACÍ TENTA SAIR)

JUREMA (DE DEDO APONTANDO JURACÍ) - Tá vendo, tá vendo? A gente não consegue se dar bem por isso: ele só pensa em me deixar!

JURACÍ - Nojenta! Me larga, senão eu te mato! Prefiro a cadeia.

JUREMA - Pois sai, sai, vai embora, sai da minha frente!

(BLACK-OUT) (OUVE-SE UM TANGO DOS MAIS DRAMÁTICOS)

JURACÍ (DESESPERADO) - Jurema, Jurema, Jureeeema!

JUREMA - Jurací, Jura, meu amor!

JURACÍ - Agora você acredita que eu te amo?

JUREMA - Você não vai mais embora não?

(VOLTA A LUZ. PRESOS UM AO OUTRO PELOS FUNDILHOS, ELES DANÇAM O TANGO)

JURACÍ - Desgruda de mim, mulher.

JUREMA - É você quem não desgruda. Diz que vai embora, mas me persegue.

JURACÍ - Você que me persegue, me suga, me come a alma. Vampira!

JUREMA - Você não tem alma. Você é uma serpente de crueldade!

(MARIA, QUE ENTROU SEM SER VISTA E OBSERVA A CENA AO LADO DE EUFRÁZIA, NA PENUMBRA).

MARIA - Dona Eufrázia, por que que eles não se desgrudam?

EUFRÁZIA - Por que que você é pobre, Maria?

MARIA - Porque Deus quer, né?

EUFRÁZIA - Vai ver que eles têm o mesmo motivo!

MARIA - Será?!

(JURACÍ E JUREMA AGORA TROCAM SAFANÕES NO RÍTMO DO TANGO, TENTANDO ROMPER AS AMARRAS QUE OS PRENDEM)

(EUFRÁZIA FAZ UM SINAL PARA MARIA, QUE IMEDIATAMENTE SUSPENDE O BRAÇO DA VITROLA E A MÚSICA CESSA. O CASAL PÁRA, ATURDIDO)

EUFRÁZIA - Chega! Jurema, você está grávida.

JUREMA - Eu? Grávida?

JURACÍ - Grávida! Um filho! Eu vou ser pai?

EUFRÁZIA - Vai sim. Maria, desamarre esses dois. A criança precisa respirar, pelo menos enquanto está no útero.

(MARIA DESPRENDE O CASAL. JURACÍ E JUREMA SE ABRAÇAM)

JUREMA - Você está feliz?

JURACÍ - Felicíssimo! Quer dizer, não sei... sinto uma coisa estranha... Acho que vou...

(JURACÍ LARGA JUREMA E VOMITA)

MARIA - Ih, que home mais esquisito! (CORRE E VOLTA COM UM PANO DE CHÃO PARA LIMPAR O VÔMITO)

JUREMA (ABRAÇANDO JURACÍ) - Ah, como você é sensível, meu Jurinha! Como eu tenho sido injusta com você! Me perdoa.

JURACÍ - Eu que te peço perdão, minha doçura! Tenho agido como um porco chovinista, um completo idiota!

JUREMA - Não, não é verdade. Me abraça.

JURACÍ (ABRAÇANDO-A) - Como você está mais macia, mais sinuosa e eu nem tinha percebido!

EUFRÁZIA - Chega!, vão pro quarto. Não quero cenas de alcova na sala. Isto aqui não é teatro político.

MARIA (EXCITADÍSSIMA) - Ah, deixa, dona Eufrázia!

(JURACÍ VAI SAINDO COM JUREMA NOS BRAÇOS)

EUFRÁZIA - Moço, não esqueça de tirar a cueca!

JURACÍ - Eu não uso cueca!

(JURACÍ E JUREMA SAEM)

(TOCA O TELEFONE. A CENA SE ILUMINA NA CASA DE EUFRÁZIA)

EUFRÁZIA - Se for o Dr. Eusébio, diga que fui ao circo.

MARIA - Ao circo?

EUFRÁZIA - Sim. Aliás, diga que estou no circo, como animal de exposição.

MARIA (AO TELEFONE) - Alô...É... (Para Eufrázia, baixo, cúmplice) É o Síndico!

EUFRÁZIA - Diga que não atendo porque ele não existe.

MARIA (AO TELEFONE) - Ela disse que não atende porque o senhor não existe. (...). (PARA EUFRÁZIA) Ele disse que existe, que pode mostra pra senhora a carteira de identidade e o CPF dele.

EUFRÁZIA - Imbecil! Confunde cidadania com sub-posto!

MARIA (AO TELEFONE) - (...) Sim, senhor. (PARA EUFRÁZIA) Ele tá dizendo que hoje chegou mais cinco mendingo. (TAPA O FONE) O home tá se rasgando de raiva. Que que eu digo?

EUFRÁZIA - Diga que acabei de sair num disco voador.

MARIA (AO TELEFONE) - Seu Síndico, desculpe, mas ela acabou de sair com o ET. Quer deixar recado? (DESLIGA O TELEFONE) Acho que ele teve um troço! (CORRE PRA JANELA) Ih, dona Eufrázia, parece até que vai ter uma festa de mendingo!

Doces fragmentos de loucura

EUFRÁZIA - Ou uma ceia! Vamos colaborar. Traga as sobras do almoço.

MARIA - Mas dona...

EUFRÁZIA - Não seja mesquinha, Maria.

(MARIA SAI E VOLTA COM UMA GRANDE PANELA. ATIRA O SEU CONTEÚDO PELA JANELA)

(OUVEM-SE RUÍDOS DE PORCOS DISPUTANDO A COMIDA NO CHIQUEIRO)

(ENTRA ISOLDA)

ISOLDA - Que história é essa de interferir na minha estória?

EUFRÁZIA - É auto-biográfica, Isolda?

ISOLDA - Não gosto da dramaturgia umbelical. Além do mais, minha vida não dá uma grande peça. Prefiro a sua, querida...

EUFRÁZIA - Andou desencarnando novamente?

ISOLDA - Desconfio que não aguento muito tempo comigo mesma!...

EUFRÁZIA - Venha ler um pouco de Virgínia Woolf pra mim. Afinal, você ainda está a meu serviço, ou não?

ISOLDA - Pensei que fosse ao contrário...

EUFRÁZIA - Quem paga sou eu.

ISOLDA - É verdade.

(A VELHA SENTA-SE NA CADEIRA DE BALANÇO. ISOLDA VAI PEGAR O LIVRO NA ESTANTE, QUANDO O TELEFONE TOCA. ELA ATENDE).

ISOLDA - (AO TELEFONE) - Alô (...) É ela (...) Será que eu ouvi bem? O senhor está me dizendo que a emissora quer comprar o meu texto, é isso? E não pretende mais matar os meus personagens? (...) Ah, isso o senhor não garante! Quer dizer que os senhores comprem, mas eu corro o risco de ser assassinada. Não, meu senhor, prezo muito a minha vida. Me esqueça. (BATE O TELEFONE).

(ISOLDA SENTA-SE AO LADO DE EUFRÁZIA. ABRE O LIVRO).

ISOLDA (LENDO) - "Estou crescendo", pensou Orlando, pegando a sua vela. "Estou perdendo as minhas ilusões, talvez para adquirir outras novas", e foi atravessando a longa galeria, em direção ao quarto. Era um processo desagradável e fastidioso. Mas era assombrosamente interessante, pensou, estirando as pernas para o fogo de lenha, já que não havia nenhum marinheiro presente..."

(PERCEBE QUE EUFRÁZIA DORME. FECHA O LIVRO. NESTE MOMENTO, CAI A PENUMBRA SOBRE AS DUAS MULHERES E ILUMINA-SE O ESPAÇO ONDE JURACÍ ANDA DE UM LADO PRA OUTRO, IMPACIENTE).

(ISOLDA, AGORA JUREMA, VAI AO ENCONTRO DE JURACÍ. ESTÁ COM UMA BARRIGA DE MUITOS MESES DE GRAVIDEZ).

CENA 2

(JURACÍ CORRE PARA JUREMA).

JURACÍ - Você estava em casa ?

JUREMA - Não tenho saído!

JURACÍ - Cheguei há meia hora!

JUREMA - Não vi. (OLHA PRA BARRIGA E ALISA-A)

JURACÍ - Você agora só vê e só percebe o próprio umbigo.

JUREMA - Jura, ele tá mexendo! Bota a mão aqui, bota.

(JURACÍ BOTA A MÃO NA BARRIGA DA MULHER E A RETIRA RAPIDAMENTE, INCOMODADO).

JUREMA - Sentiu?

JURACÍ (SECO) - Senti.

JUREMA (CONTINUANDO A ALISAR A BARRIGA) - Tô louca pra ver a tua carinha!

(JURACÍ TOMA O ROSTO DA MULHER ENTRE AS MÃOS, FORÇANDO-A A OLHÁ-LO).

JURACÍ (TENTANDO BRINCAR) - Olha pra minha cara, senão a criança não vai ter nada do pai!

JUREMA - Tá me machucando, meu amor.

JURACÍ - Não notou nada?

JUREMA - Não. Me solta, tá me machucando!

(JURACÍ A SOLTA BRUSCAMENTE E SE AMUA).

JUREMA - O que foi que eu não notei?

JURACÍ - Cortei o cabelo...

JUREMA (MENTINDO) - Notei, só não falei...

JURACÍ - Mentira! E tem outra coisa que você também não notou, aposto como não notou.

(JUREMA O EXAMINA DE CIMA A BAIXO).

JURACÍ - Tá vendo como não notou?

JUREMA - Claro que notei, Jura. O sapato, é novo.

JURACÍ - Novo? Este sapato eu comprei há quatro meses!

JUREMA - E o que é então?

JURACÍ - A camisa. Será que passa despercebida?

(JURACÍ ESTÁ COM UMA CAMISA ESPALHAFATOSA).

JUREMA - (RINDO) - Quer parar de implicar comigo?

JURACÍ - Implicar? Você perdeu toda a sensibilidade. Se tornou uma pasta, uma lesma engordando a cria!

Doces fragmentos de loucura

JUREMA (SEM SE ABALAR) - Jura, cê tá ficando insuportavelmente ciumento!

JURACÍ - Eu? Ciumento?

JUREMA - Jura, entenda, meu amor... Não sei se os homens podem entender uma coisa dessa, mas tente. É estranho. Uma força estranha. Lembra a música? (CANTA) "Eu vi a mulher preparando/outra pessoa./ o tempo parou pra eu olhar para aquela barriga..." É como se o tempo em volta de mim estivesse parado e a vida acontecesse toda ela aqui, pulsando, mexendo...

JURACÍ (COM DESPREZO) - Que coisinha alienante, hein!

JUREMA (SEM SE ABALAR) - Talvez, mas acho que não... Sinto que a minha compreensão do mundo se ampliou... Não sei explicar... Parece que não dilatou apenas a minha barriga, mas todo o meu eu... Nunca mais serei a mesma, Jura.

JURACÍ - Pieguice, pura pieguice. Come que vocês mulheres querem igualdade com os homens se basta uma barriga pra tirar vocês do sério?

JUREMA - Ah, Jura, eu queria tanto que você sentisse o que tô sentindo!

(ELA OLHA A BARRIGA E A ACARICIA. ELE IMITA-LHE O GESTO, MAS SE CENSURA NA METADE)

JURACÍ (PERTUBADO) - Você tem cada idéia!

JUREMA - Venha cá. Me abrace por trás.

JURACÍ (RESISTINDO) - Que bobagem é essa?

JUREMA - Me abrace. (ENCOSTA-SE A ELE E PUXA AS MÃOS DO MARIDO PARA A FRENTE DE SUA BARRIGA) Agora feche os olhos. Sinta. Faça de conta que a barriga é sua. Respire fundo e pausado. Assim.

(PERCEBE-SE A TENSÃO DE JURACÍ, QUE NÃO CONSEGUE CONTINUAR A EXPERIÊNCIA E A CORTA, TENTANDO BRINCAR).

JURACÍ - Chega! Daqui a pouco você vai querer que eu sinta as dores do parto.

(ELA RI, DÁ UM BEIJO NELE)

JUREMA - Seu medroso! (SAI)

(JURACÍ, SOZINHO, FAZ UM GESTO DE ACARICIAR A BARRIGA E RI DE SI MESMO. A LUZ MORRE SOBRE JURACÍ, ENQUANTO APARECE ISOLDA DIANTE DO ESPELHO).

EUFRÁZIA - Isolda!

(ISOLDA VIRA-SE E JÁ NÃO TEM A BARRIGA DE JUREMA)

EUFRÁZIA - Você se olhava no espelho?

ISOLDA - Sim.

EUFRÁZIA - Como vai Jurema?

ISOLDA - Quase tendo o bebê.

EUFRÁZIA (IRÔNICA) - Ainda sentindo a "força estranha"?

ISOLDA - É assim que ela sente a gravidez.

EUFRÁZIA - Acho esse discurso uterino meio kitsch!

ISOLDA - Não tenho medo de kitsch. Você tem, não?

EUFRÁZIA - Sem dúvida. Uma velha elefanta não ficaria bem de pantera cor-de-rosa!

(ISOLDA DÁ UMA GARGALHADA).

EUFRÁZIA - Hum, é a primeira vez que a vejo dando uma gargalhada! (NT) Que que Jurema vai fazer depois de ter o bebê?

ISOLDA - Talvez entregá-lo aos cuidados de uma babá mercenário, como na Idade Média...

EUFRÁZIA - Que pobreza! Você acha que o teatro deve mesmo imitar a vida?

ISOLDA - De certa forma...

EUFRÁZIA - Acho mais interessante o contrário. (NT) Jurací está estranho, não?

ISOLDA - Tá morto de ciúmes do bebê. Dizem que isso é comum e que o pai tem lá suas razões... Quando o bebê mama, a mãe fica cheia de tesão! Fica mesmo?

EUFRÁZIA - Nunca pendurei criança nos meus peitos. Escute, Jurací passa um pouco da medida do comum, você não acha?

(SURGE JURACÍ OLHANDO-SE DE CORPO INTEIRO NO ESPELHO. VESTE APENAS UMA CAMISA ABERTA)

(A LUZ MORRE SOBRE EUFRÁZIA E ISOLDA E PERMANECE UM FOCO SOBRE JURACÍ).

CENA 3

(JURACÍ CONTINUA DIANTE DO ESPELHO. A ALGUNS PASSOS DALÍ, JUREMA ESTÁ PARINDO. ELA ESTÁ SOZINHA E FAZ TODOS OS MOVIMENTOS DO PARTO, ENQUANTO OUVEM-SE EM OFF, LONGÍNQUOS COMO NUM SONHO, RUÍDO DE INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS, VOZES, GEMIDOS E, FINALMENTE, UM GRITO MISTO DE DOR E PRAZER)

(UMA GRANDE CEGONHA DE PAPEL SOBREVOA A CENA E DESPEJA UM BEBÊ SOBRE JUREMA)

JUREMA (COM AR DE FELIZ BEATITUDE) - Meu filho! (LEVANTA-SE EUFÓRICA)
Jurací! Jurací!

(ANDA EM DIREÇÃO A JURACÍ, QUE DEIXA O ESPELHO E VAI-SE APROXIMANDO DA MULHER, COM A CAMISA ABERTA, MOSTRANDO O CORPO NU. JUREMA PÁRA, PETRIFICADA DE ESTUPEFAÇÃO. ESQUECE OS BRAÇOS E O BEBÊ CAI)

(BERRO DO BEBÊ)

JUREMA - Você, vo... que brincadeira é essa, Jura?

JURACÍ - Brincadeira? Eu viro mulher e você chama isso de brincadeira?

JUREMA - Não, isso não acontece.

JURACÍ - Aconteceu!

(JURACÍ AGACHA-SE E PEGA DELICADAMENTE O BEBÊ. ACONCHEGA-O NO PEITO)

JURACÍ - Ela jogou você no chão, filhinha? Não chore, mamãe vai cuidar de você.

JUREMA - (RECUPERANDO-SE DO SUSTO) - Que é isso? A mãe sou eu! Você é o pai.

JURACÍ - Eu? O pai? Como?

JUREMA - Não se faça de desmemoriado. Você era homem e bem homem. Fui eu que tive esta criança, acabei de ter esta criança. (TENTA TOMAR O BEBÊ).

JURACÍ (ESQUIVANDO-SE COM O BEBÊ) - Mentira. Uma mãe não atira o filho no chão. Você quis matá-la, sua megera. Ela é minha, saiu das minhas entranhas, ainda sinto o alívio da dor no meu útero dilatado.

JUREMA (ENFURECIDA) - Jurací, esta brincadeira tá indo longe demais. (AVANÇA NA CRIANÇA) Me dá esta criança.

JURACÍ - Pare com isso, você vai machucá-la. E ponha-se daqui pra fora antes que eu cometa uma verdadeira loucura.

JUREMA - Vou sair mesmo, pra voltar com a Polícia!

JURACÍ - Traga a Polícia. Você dirá que o filho é seu, eu direi que é meu. Somos duas mulheres reclamando a posse de um bebê.

JUREMA (CONFUSA) - Você, você não é mulher de verdade, e mesmo se fosse, tá na cara que fui eu que acabei de ter um filho. Olha aqui a minha barriga, ainda está dilatada. Você não tem barriga nenhuma.

JURACÍ - Edaí? Não tenho barriga porque me cuidei durante a gravidez. O seu problema é obesidade, Jurema, você precisa fazer uma dieta, controlar essa sua ansiedade, essa voracidade.

JUREMA (ENFURECIDA) - Filho da puta! Veado, travesti de merda!

JURACÍ (SEM SE ABALAR) - Não adianta. Basta olhar para o meu corpo e ver que sou uma mulher. E mãe.

JUREMA - Mentira! Todo mundo está de prova que quem pariu fui eu!

JURACÍ - Apresente então as testemunhas.

(JUREMA OLHA EM VOLTA, CONFUSA. FINALMENTE, VÊ EUFRÁZIA SENTADA NA CADEIRA DE BALANÇO, NA PENUMBRA).

JUREMA (APONTANDO EUFRÁZIA) - Aquela senhora ali viu, Psiu, por favor, a senhora aí na cadeira de balanço. A senhora viu quando eu tive este bebê, não viu?

EUFRÁZIA (EM TOM DE VELHINHA INDEFESA) - Sou cega, minha filha!

JUREMA (ANGUSTIADA) - Mas a senhora deve ter ouvido os meus gemidos, o meu grito de dor!

EUFRÁZIA - Só ouvi Bloody Nary e Cuba Libre brigando com uns companheiros que queriam expulsá-los da calçada. Chegaram ontem e já querem expulsar os donos da casa. Um absurdo, a senhora não acha?

JUREMA (CHORAMINGANDO) - Não, não é possível, isto não pode estar acontecendo comigo...

EUFRÁZIA (LEVANTANDO-SE E FALANDO NO TOM HABITUAL) - Eu posso dar um jeito nisso.

(EUFRÁZIA APROXIMA-SE DOS DOIS).

EUFRÁZIA - Fiquem as duas aqui na minha frente. Jurací, coloque a criança no chão. Muito bem! Quer dizer que cada uma de vocês diz ser a mãe desta criança, não é?

(AMBAS BALANÇAM AFIRMATIVAMENTE A CABEÇA).

EUFRÁZIA (FORMAL COM UM JUIZ) - As senhoras sabem muito bem que a paternidade pode ser posta em dúvida, mas a maternidade é um fato incontestável! Como pode estão a Justiça, que além de tudo é cega, saber quem de vós é a verdadeira mãe? Não resta à Justiça outra alternativa senão, com perdão da má palavra, conchavar. Ou seja, satisfazer às duas partes. (SACA DA SAIA UMA ESPADA E A LEVANTA). Vou partir a criança ao meio e cada uma das senhoras ficará com uma metade.

JUREMA (EM PÂNICO) - Não, pelo amor de Deus, não!

JURACÍ (DIVIDIDA, HISTÉRICA) - Sim... não... sim... não...

JUREMA - Não, não, não!

JURACÍ - Sim... não...

EUFRÁZIA (GUARDANDO A ESPADA) - Chega! (PEGA A CRIANÇA E A ENTREGA A JURACÍ). Toma que o filho é teu.

JUREMA (NUM GRITO DE DOR) - Nãããããão!

EUFRÁZIA - Que se faça constar nos autos, que a Justiça decidiu pela mãe vacilante no seu

Doces fragmentos de loucura

amor, porque mãe, ama e odeia os seus fedelhos!

(BLACK-OUT)

QUADRO III - A JUSTIÇA É CEGA

CENA 1

(JUREMA ESTÁ NA MESMA POSIÇÃO DO FINAL DO QUADRO ANTERIOR. MAS JÁ NÃO É JUREMA, NEM ISOLDA, É BEBEL, A RÉ. DIANTE DELA, ATRÁS DE UMA MESA EM PLANO MAIS ALTO, HÁ UM BONECO VESTIDO DE JUIZ, DE TOGA E PERUCA. À PAREDE, UM DESENHO REPRESENTANDO A JUSTIÇA: UMA MULHER DE VENDA NOS OLHOS SENDO CAVALGADA POR UM GORDO SENHOR DE CASACA. AINDA EM CENA, O PROMOTOR E ADVOGADO DE DEFESA).

PROMOTOR - A senhora é atriz?

BEBEL - Sou.

PROMOTOR - Que tipo de papéis costuma fazer ?

BEBEL - Os mais diversos: de mulher pobre, rica, de classe média, profissional liberal, dona-de-casa, qualquer papel de mulher.

PROMOTOR - (IRÔNICO) - De mulher ?

BEBEL - Sim.

PROMOTOR - Consta que a senhora recentemente fez um papel masculino em um espetáculo.

BEBEL - É verdade (IRÔNICA). São ossos do ofício!

PROMOTOR - Ossos do ofício! Então a senhora detesta fazer papéis masculinos! Se por um lado é estranho, por outro torna-se bastante compreensível, Freud explica: detestando os homens, a senhora provavelmente detestará imitá-los!

ADV.DEFESA - Protesto, Meritíssimo. Não é esta a questão pela qual a ré está sendo julgada.

VOZ DO JUIZ (SONOLENTA) - Indeferido o protesto. Prossiga.

(MURMÚRIOS DA PLATÉIA. MARTELADAS).

VOZ DO JUIZ - Silêncio!

PROMOTOR - A senhora é casada ?

BEBEL - O senhor sabe que não.

PROMOTOR - Por que não? Uma mulher tão bonita? Não teria sido difícil arrumar um marido. Por que não se casou?

BEBEL - Por pura inapetência, senhor Promotor.

(RISOS DA PLATÉIA).

VOZ DO JUIZ - Silêncio!

PROMOTOR - Inapetência heterossexual, naturalmente...

ADV. DEFESA (INDIGNADO) - Protesto, Meritíssimo.

VOZ DO JUIZ - Indeferido o protesto.

PROMOTOR (VIOLENTO) - A senhora nega que vive com uma mulher?

BEBEL - Divido um apartamento com uma amiga.

PROMOTOR - Onde existe apenas uma cama de casal.

(MURMÚRIOS DA PLATÉIA. MARTELADAS DO JUIZ).

BEBEL - E um sofá-cama.

PROMOTOR - Na sala!, onde dorme a infeliz criança que a senhora tomou da mãe.

BEBEL - (ENFURECIDA) - Não tomei. A mãe desapareceu. Era uma mendiga da rua.

PROMOTOR - Por ser mendiga não merece respeito, não é? A senhora se dá ao direito de fazer bacanais com as suas amiguinhas diante dos olhos inocentes de uma crianças!

BEBEL (LEVANTANDO-SE TRANSTORNADA) - Isso é uma infâmia!

(MURMÚRIOS FORTES DA PLATÉIA).

VOZ DO JUIZ - Silêncio.

(AUMENTAM OS MURMÚRIOS. MARTELADAS).

VOZ DO JUIZ (GRITANDO) - Silêncio, senão mando evacuar a platéia.

(OS MURMÚRIOS SE TRANSFORMAM EM CONFUSÃO E IMEDIATAMENTE A AÇÃO PASSA PARA A CASA DE EUFRÁZIA, ONDE A ANCIÃ, QUE DORMIA NA CADEIRA DE BALANÇO, ACORDA ASSUSTADA).

EUFRÁZIA - Maria, Maria!

(A ANCIÃ SE LEVANTA, TATEIA PELA SALA COMO VERDADEIRA CEGA, CHAMANDO PELA EMPREGADA, CADA VEZ MAIS ASSUSTADA. FINALMENTE, SURGE ISOLDA).

ISOLDA - Que que aconteceu?

EUFRÁZIA - Me leve de volta pra cadeira.

ISOLDA (CONDUZINDO-A DELICADAMENTE) - A Maria foi ao supermercado. O que foi? Sente aqui. Você está tremendo.

EUFRÁZIA (SENTANDO-SE) - Ai! Sonhei que morria e não conseguia chegar ao Porteiro das Almas. E acordei com este barulho infernal. Veja depressa o que está acontecendo com Bloody Mary e Cuba Libre.

(ISOLDA CORRE ATÉ A JANELA).

ISOLDA (GRITANDO DA JANELA) - Pare com isso! O senhor não tem direito de fazer isto! Covarde! Eu vou descer.

EUFRÁZIA (LEVANTANDO-SE E INDO PARA A JANELA) - O que é? Espere.

ISOLDA - O Síndico está expulsando os mendigos a chicotadas.

(ENTRA MARIA, CARREGADA DE COMPRAS)

MARIA - Tão vendo? O desgraçado do Síndico tá batendo nos mendigo.

EUFRÁZIA - Traz o calmante, Maria. Vamos dar uma lição nesse fariseu metido a Cristo.

EUFRÁZIA - (GRITANDO DA JANELA) Povo de Deus! O anjo do apocalipse já cavalga pra salvá-los do chicote de Belsebu!

(MARIA VOLTA CAVALGANDO UMA ENORME MANGUEIRA, QUE LOGO LANÇA

Doces fragmentos de loucura

O SEU JATO D'ÁGUA PELA JANELA. OUVEM-SE GRITARIA E XINGAMENTOS. AS MULHERES SE DIVERTEM À JANELA, SOBRETUDO MARIA QUE COMANDA O JATO D'ÁGUA).

(A AÇÃO VOLTA PARA O TRIBUNAL, ONDE O PROMOTOR INTERROGA UMA TESTEMUNHA).

PROMOTOR - O senhor é o Síndico do edifício onde mora a ré?

TESTEMUNHA - Sou Coronel aposentado do Exército e candidato a Síndico pela chapa "Sindicância". Sou também barítono.

PROMOTOR - O senhor conhece a ré há muito tempo?

TESTEMUNHA - Desde que foi morar no edifício. Eu cantava uma ária de "Madame Butterfly" quando da janela a vo chegando. A princípio parecia uma libélula, depois vi que era mariposa. Deu pra voltar pra casa altas horas da noite, acompanhada de três sujeitos com cara de maconheiro. Depois, os sujeitos começaram a chegar cedo, pelas sete da noite, e faziam muito barulho no apartamento. Até que um dia, acordaram o edifício inteiro com uma gritaria horrível. Pensei que a moça tava sendo assassinada e arrombei a porta. Não conto o que vi porque há senhoras honestas no recinto.

BEBEL - O que o senhor viu foi um ensaio de teatro e eu lhe disse isso.

TESTEMUNHA - Teatro? Nem "Carmem" oferecia as ancas daquele jeito. Aquilo era bacanal, putaria! Descupe, Meritíssimo.

(RISOS DA PLATÉIA. MARTELADAS).

VOZ DO JUIZ - Mais cuidado com a linguagem, coronel. Silêncio!

ADV.DEFESA - Quer dizer então que o senhor afirma que a re gosta de rapazes?

TESTEMUNHAS - Gosta? Come com farinha!

VOZ DO JUIZ - Modere-se ou mandarei cantar na estribaria!

(RISOS. MARTELADAS).

TESTEMUNHA - Desculpe, Meritíssimo.

PROMOTOR - Mas a ré continuou a levar rapazes para casa?

ADV.DEFESA - Protesto, Meritíssimo. Não é a vida sexual da ré que está sendo julgada.

VOZ DO JUIZ - Indeferido. Repita a pergunta, senhor Promotor.

PROMOTOR - A ré deixou de andar com rapazes, não é verdade?

TESTEMUNHA - Perfeitamente. Foi quando eu fazia "O Fantasma da Ópera". Cheguei em casa e vi esta moça entrar no prédio abraçada a uma outra. O porteiro me disse que estavam morando juntas. Desde então, ela começou a receber um grupinho de mulheres, algumas esquisitas. Desconfiei que era coisa de feminista, pra não dizer outro nome, e fiquei de olho. Como futuro Síndico, era meu dever apurar os fatos, o senhor não acha?

PROMOTOR - Estou satisfeito. A testemunha pode se retirar. Façam entrar a Segunda testemunha.

(ENTRA UMA MULHER DE ROLINHOS NO CABELO, TIPO CLASSE MÉDIA SUBURBANA).

PROMOTOR - Identifique-se, por favor.

TESTEMUNHA - Me chamo Carmelita de Almeida Silva.

PROMOTRO - A senhora conhece a ré?

TESTEMUNHA - Infelizmente, conheço. Moro na frente dela, do outro lado da rua. Desde que foi morar ali, minha casa é um sufoco. Vivo de janela fechada, pra minha filha não ver o mau exemplo.

PROMOTOR - Que mau exemplo?

TESTEMUNHA - Ela e a outra desavergonhada só andam em casa de calcinha. Os homens olham e elas nem se incomodam, querem mesmo é tentar os homens. Uns demônios!

ADV.DEFESA - Se a senhora fecha a sua janela, como sabe disso?

TESTEMUNHA - Fecho, mas meu marido abre quando chega. Sabe como é homem. Elas ficam se oferecendo! Além de rameiras, são taradas. Se esfregam uma na outra e fazem festinha só de mulher.

PROMOTOR - E o que acontece nestas festinhas?

TESTEMUNHAS - Hum, boa coisa num deve ser! Se num tivesse nada demais, elas num fechavam a janela. E onde já se viu numa festa que só tem mulher, tocar música de amor pra dançar agarrado?

ADV.DEFESA - Dona Carmelita, entre o seu prédio e o da ré, passa uma avenida com pista dupla. Como que a senhora vê tudo o que acontece no apartamento da ré?

TESTEMUNHA - Meu marido comprou um binóculo, só pra ver as safadezas na vizinhança. Sabe como é homem.

ADV.DEFESA - E a senhora fica bisbilhotando as casa dos outros de binóculo?

TESTEMUNHA - Bem, quando não tenho o que fazer, olho um pouquinho, pra me distrair. Não tem novela o dia inteiro! Mas não olho as outras casas não, só vigio essa tipa aí. Se eu não vigiasse, ela não tava aqui agora. Fui eu que chamei a polícia. Achei demais botar uma pobre criança no meio daquela sujeira. Se fosse minha filha...

PROMOTOR - E como que ela arranjou a criança?

TESTEMUNHA - Tomou da mãe, uma mendiga.

ADV. DEFESA - Como que a senhora sabe que ela tomou a criança?

TESTEMUNHA - Ora, como! Mãe nenhuma dá filho pra uma ... pra uma mulher dessa criar.

ADV.DEFESA - Isto não passa de dedução pessoal. A senhora sabe que a ré pode processá-la por calúnia e difamação?

PROMOTOR - Protesto, Meritíssimo. O nobre colega está pressionando a testemunha.

VOZ DO JUIZ - Protesto aceito. Prossiga, senhor Promotor.

PROMOTOR - Obrigado, dona Carmelita. Pode-se retirar. Façam entrar a terceira testemunha.

(ENTRA EUFRÁZIA).

PROMOTOR - Há um equívoco. Quem é a senhora?

EUFRÁZIA -A terceira testemunha.

PROMOTOR - Não a contratei, quer dizer, não a chamei.

Doces fragmentos de loucura

EUFRÁZIA - Me contrate agora. Estou precisando de uns cruzados. Aliás, prefiro dólar.

(RISOS. MARTELADA. BURBURINHO)

PROMOTOR - Retirem essa mulher. Deve ser uma louca.

ADV.DEFESA - A testemunha foi chamada pela Defesa, Meritíssimo. É uma senhora de idade, não pode esperar. Peço que seja ouvida agora.

VOZ DO JUIZ - Concedido.

ADV.DEFESA - Identifique-se, por favor.

EUFRÁZIA - Sou a mãe da criança, a ex-mendiga, salva por um príncipe das calçadas, aquele que compra o lixo recolhido pelos mendigos.

PROMOTOR - É uma louca de hospício, caso pra psiquiatra.

EUFRÁZIA - Meu príncipe foi psiquiatra. Mas entre o lixo das ruas e o das cabeças, ele optou pelo primeiro.

(GARGALHADAS)

VOZ DO JUIZ - Silêncio!

ADV.DEFESA - Foi a senhora mesma quem deu a sua filha à ré?

PROMOTOR - Isto é uma farsa. Essa mulher está numa idade provecta. Não pode ser mãe de uma criança de cinco anos.

EUFRÁZIA - Izabel e Esther tiveram filhos com idade provecta.

PROMOTOR - Papo de Bíblia. Mas a senhora já não é provecta, é matusalênica.

EUFRÁZIA - A repetição de um fenômeno é sempre mais contundente!

(GARGALHADAS. BURBURINHO).

PROMOTOR - Este Tribunal está virando um feira, Meritíssimo. Peço uma providência. Meritíssimo! Meritíssimo!

(O PROMOTOR SACODE O BONECO-JUIZ, QUE DESPENCA SOBRE A MESA).

(FORTE BURBURINHO).

EUFRÁZIA - La Justice est mort!

(POR INSTANTES, AINDA O BURBURINHO, QUE VAI MORRENDO AO MESMO TEMPO EM QUE AS LUZES. RESTAM APENAS UM FOCO SOBRE EUFRÁZIA E OUTRA SOBRE A RÉ, QUE VOLTA A SER ISOLDA).

ISOLDA - E agora? Você abortou a minha idéia!

EUFRÁZIA - Só queria tornar o jogo mais interessante! Não imaginei este final.

ISOLDA - Claro que tinha que dar nisso. Você saiu dos padrões, extrapolou, explodiu a banca!

EUFRÁZIA - Ora, minha querida Virgínia Woolf, não se deve enganar assim à Justiça! (APROXIMA-SE DA OUTRA). Afinal, a moça tinha ou não tinha um caso com uma mulher?

ISOLDA - Até você! Isto não tem a menor importância. O que importa é que eles transformaram o julgamento num show de preconceito e sordidez. Iam condenar a Bebel, não por ter tomado a criança, o que também não era verdade, mas...

EUFRÁZIA - Porque ela amava uma mulher. Amava, não amava?

ISOLDA - Sei lá. Isso não tem importância.

EUFRÁZIA - Pra mim tem. Adoro histórias de alcova, principalmente as não convencionais. Então?

ISOLDA - Não sei, juro que não sei, ainda não tinha pensado nisso. (NT) Peraí, tá querendo gozar com o meu clitóris?

EUFRÁZIA - Por que não? Mas, como não pensou? É a sua vida!

ISOLDA - A minha vida não. Não confunda realidade com ficção.

EUFRÁZIA - Não vejo diferença!

ISOLDA - Você não pode ver mesmo, mas eu vejo!

EUFRÁZIA - Já vi que não fui eu quem abortou a idéia. Foi você, com o seu medo!

ISOLDA - Lá vem você com essa psicologia de revista feminina!

EUFRÁZIA - Então, tinha ou não tinha o caso?

ISOLDA - Ai, que saco! Tinha, não sei... Mas que loucura é essa? Você está me induzindo. Devia ser o contrário!...

EUFRÁZIA - Ah, Isolda, não seja tão formal. Que importância têm os papéis!

ISOLDA - Nenhuma. Ando até a fim de rasgar todo o arquivo. Mas isso não tem nada a ver...

EUFRÁZIA (DOCE) - Por favor, responda. Todas as experiências que não tive me excitam tanto! Como se chama a outra, hein?

ISOLDA - Beatriz.

EUFRÁZIA - É bonita?

ISOLDA - É, é bonita.

EUFRÁZIA - Você a amou muito?

ISOLDA - Bebel a amou.

EUFRÁZIA (CHAMANDO) - Beatriz!

ISOLDA (NERVOSA) - Não faça isso!

EUFRÁZIA - Beatriz!

ISOLDA - Ela morreu!

(BEATRIZ APARECE EM FRENTE AO ESPELHO. SOBRE O SEU CORPO NU CAI APENAS UM VÉU. ELA FALA COM ISOLDA OLHANDO PARA O ESPELHO O TEMPO TODO).

BEATRIZ - Coisa mais perversa, Isolda, essa mania de me matar!

ISOLDA (CORRENDO PARA A OUTRA) - Beatriz! Desculpe...

BEATRIZ - Chegue mais perto de mim, me toque. Não sou um delírio seu. Eu existo.

ISOLDA - Talvez exista... A magia existe... e é perigosa...

BEATRIZ - Eu sei que você me deseja.

ISOLDA - Não é bem isso...

Doces fragmentos de loucura

BEATRIZ - É, eu sinto. Sinto os seu olhos me despindo.

ISOLDA - Você já esta despida, ou quase.

BEATRIZ - Venha acabar de me despir.

ISOLDA - Serpente! Não vou me envolver nos seu véus novamente.

BEATRIZ - Eu tiro o véu. (TIRA O VÉU, FICANDO COMPLETAMENTE NUA). Assim, te assusto menos?

ISOLDA - É mais explícita, pelo menos.

BEATRIZ - Então vem, me toca.

(ISOLDA SE COLOCA ATRÁS DA OUTRA, TAMBÉM DE FRENTE PARA O ESPELHO. POUSA AS MÃOS NO VENTRE DE BEATRIZ).

BEATRIZ - O meu corpo, vê? Já não é o mesmo!...

ISOLDA - Não, ele se modificou.

BEATRIZ - Era bonito, não era?

ISOLDA - É bonito, apenas se modificou.

BEATRIZ - Envelheceu.

ISOLDA - Não, amadureceu, ganhou densidade, história. Você se tornou mulher.

BEATRIZ (VIRANDO-SE DE FRENTE PARA ISOLDA) - E o seu? Quero ver o seu. (TENTA DESABOTOAR A BLUSA DA OUTRA)

ISOLDA (PROTEGENDO-SE) - Também se modificou. Espere, agora não, aqui não...

BEATRIZ - Não se negue, senão o meu desejo aumenta... e vai ser pior!

ISOLDA (SORRINDO) - Serpente!

BEATRIZ (DESABOTOANDO A BLUSA DA OUTRA) - Quando te vejo sorrir, imagino estórias de fugas em cavalos brancos, sequestros à mão armada... Lembra este poema?

(NETE MOMENTO ENTRA EUSÉBIO COMO UM VULCÃO. ISOLDA AFASTA-SE RAPIDAMENTE DE BEATRIZ, QUE DESAPARECE. EUFRÁZIA, QUE SE DELICIAVA COM A CENA DAS DUAS MULHERES, SE ENFURECE).

EUFRÁZIA - Com os diabos! Chegou o senso comum pra assassinar o sonho!

EUSÉBIO - O que disse ?

EUFRÁZIA - O Papa renunciou?

EUSÉBIO - Hein?

EUFRÁZIA - Dom João VI tomou banho?

EUSÉBIO (RECRIMINADOR) - Mamãe!

EUFRÁZIA - Se nada de extraordinário aconteceu, por que entra na minha casa assim, como um arauto do descalabro?

(EUSÉBIO, MUDANDO DE TOM E PUXANDO O JOGO INFANTIL DE SEMPRE)

EUSÉBIO - Sempre a mesma! Tinha esquecido o senso de humor da minha mãezinha!

EUFRÁZIA (ENTRANDO NO JOGO) - Ingrato! (ESTENDE-LHE A MÃO COM ELEGÂNCIA) Beijei a mão desta que o pariu com dor.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

EUSÉBIO (BEIJANDO A MÃO DA MÃE) - Majestade! Venho aqui...

EUFRÁZIA (CORTANDO-O) - Apresento-lhe a Princesa Isolda, da Transilvânia.

EUSÉBIO (BEIJANDO A MÃO DE ISOLDA) - Alteza!

EUFRÁZIA - Então?

EUSÉBIO - Venho aqui numa missão muito especial.

EUFRÁZIA - Querido Conde, deixemos as missões para os jesuítas. Digamos que veio me contar uma fofoca palaciana.

EUSÉBIO - Exatamente. Hoje pela manhã, fui arrancado do aconchego dos meus lençóis pelo chato do meu irmão. Ele está absolutamente convicto de que nossa rainha mãe está sofrendo das faculdades mentais.

EUFRÁZIA - Que pilantra! Em que se baseia o idiota?

EUSÉBIO - Vossa Majestade estaria insuflando uma malta de mendigos, que prolifera pelas redondezas, a fazer picadinho de nós todos e tomar o poder.

EUFRÁZIA (PARA ISOLDA) - Que me diz disso, Alteza?

ISOLDA - Creio que a nossa carne não é especialmente saborosa. Se querem nos comer, é porque têm fome. Então, se lhes dermos um pouco de pão, já que não temos brioche, eles voltarão ao normal. Afinal, a caridade cristã foi inventada exatamente para isso: evitar mudanças bruscas e indesejáveis!

(EUGÊNIO, QUE ACABOU DE ENTRAR E OUVIU A ÚLTIMA FRASE DE ISOLDA).

EUGÊNIO - Muito engraçado! Mas então arrumem um Cristo pra fazer a multiplicação dos pães. Eles são milhares!

EUFRÁZIA (DESOLADA) - Mais uma vez quebra-se o encanto! Filhos, melhor não tê-los!, já diz o vulgo.

EUGÊNIO - (PUXANDO EUSÉBIO PARA UM CANTO) - Então?

EUSÉBIO - Você não me deu tempo!

EUGÊNIO - Você disse uma hora.

EUSÉBIO - Me atrasei.

EUGÊNIO - E ficou aqui de frescura. Já deu a injeção?

EUSÉBIO - Ainda não... não é assim... ela reage!

EUGÊNIO - Ela vai pensar que é a de sempre.

EUGÊNIO - Quero que saiba que detesto isso. Se faço, é por absoluta falta de opção.

EUSÉBIO - Bolas! E você pensa que eu gosto?

(ENQUANTO EUGÊNIO E EUSÉBIO CONTINUAM A COCHICAR, ELAS TENTAM RESTABELEECER O ENCANTO, MAS SENTEM QUE JÁ NÃO HÁ CLIMA)

ISOLDA - Vossa Majestade não tem o que temer, a classe está unida!

EUFRÁZIA - Que classe? Na atual conjuntura, minha princesa, ninguém sabe quem é quem!

ISOLDA - O que estarão tramando?

EUFRÁZIA - A minha morte, querida.

Doces fragmentos de loucura

ISOLDA - Não seja tão fantasiosa, dona Eufrázia!

EUFRÁZIA - Nunca fui tão realista, minha cara escritora. Vejam como conversam de cabeças baixas. Isto é próprio dos traidores!

(OS HOMENS SE VIRAM, À MEDIDA EM QUE SE APROXIMAM DAS MULHERES, ELAS VÃO FICANDO MAIS TENSAS).

EUSÉBIO - Mãezinha, já vou indo. Mas antes de sair, vou tratar da saúde da minha rainha.

EUFRÁZIA (AMEDRONTADA) - Não, esta semana já tomei a injeção. Não tomei, Isolda?

ISOLDA - Tomou sim. (COLOCA-SE ENTRE EUFRÁZIA E OS HOMENS). Você esqueceu? Hoje é Sexta. Ela tomou a injeção na 3a. feira.

EUGÊNIO (PARA ISOLDA, AMEAÇADOR) - Saia da frente.

ISOLDA - Vocês terão de passar por cima do meu cadáver! E quando passarem por cima do meu cadáver, já não existirão mais. Vocês são fruto da minha imaginação.

EUGÊNIO (PUXANDO ISOLDA PARA UM LADO) - Cala essa boca! Mais de uma maluca é demais.

EUFRÁZIA - Socorro!

EUSÉBIO - Mamãe, não seja ridícula!

EUFRÁZIA - Socorro! Estão assassinando Júlio César!

(OS DOIS HOMENS AGARRAM EUFRÁZIA. EUSÉBIO ENFIA-LHE UMA AGULHA DE INJEÇÃO. ELA PERDE OS SENTIDOS. ELES A CARREGAM, DEIXANDO ISOLDA PERPLEXA)

ISOLDA (PERDIDA) - Meu Deus, algo de muito estranho, senão grave, tá acontecendo comigo! Um escritor não perde o poder de vida e morte sobre os seus personagens. Ou será que perde? Ou será que não eram personagens, eram pessoas mesmo e eu não criei nada? Quem era personagem, quem era pessoa? Eu sou personagem ou pessoa? Não, isso não, eu sei que existo! (PAUSA) Mas, esperai! Que importância tem? O importante é... isso, o inesperado, o inesperado total! Isolda, não há nada mais moderno em Dramaturgia! Já vejo tudo, tudo, via ser um sucesso!

(CORRE PRO TELEFONE).

ISOLDA (AO TELEFONE) - Alô? Senhor Produtor? Me chamo Isolda, sou dramaturga (...) Dramaturga? É a pessoa que escreve pra teatro. Pois como ia lhe dizendo, tenho uma peça com uma estória cheia de inesperados. Imagine um autor, que entra na sua própria estória, e já não sabe mais... (...) Se é drama ou comédia? Bem, não sei muito bem, acho que nem uma nem outra, é uma coisa mais contemporânea, sem gênero definido... (...) Não interessa. O senhor tá interessado numa comédia ligeira... (...) Sei, ou comédia erótica... (...) Como? Não entendi. (...) Ah, adultério é que faz sucesso! (...) Não, não tenho. (...) Besteiro também não tenho. (...) É, é uma penal! (...) Claro, vou tentar. Quem sabe, né? (...) Outro pro senhor. (DESLIGA).

(ENTRA MARIA COM COMPRAS DE SUPERMECADO).

MARIA (VENDO A AGITAÇÃO DE ISOLDA) - Aconteceu alguma coisa, dona Isolda?

ISOLDA - Aconteceu, Maria. Você vai sair de cena.

MARIA - Sair de que?

ISOLDA - Desta estória.

MARIA (CONTINUANDO O SEU CAMINHO) - Eu, hein! Essa mulher parece que num regula direito não!

(ISOLDA FAZ UM GESTO DE BRUXA EM DIREÇÃO À MARIA. MARIA DESAPARECE EM UM TUFO DE FUMAÇA. ISOLDA DÁ UMA RISADA E VAI SAINDO).

ISOLDA (SAINDO) -Em frente que atrás vem gente!

(BLACK OUT).

INTERVALO

Doces fragmentos de loucura

QUADRO IV - No Hospício

CENA 1

(O ESPAÇO CÊMICO ESTÁ AGORA VAZIO, ERMO. RESTA APENAS A CADEIRA DE BALANÇO DE EUFRÁZIA, ONDE ELA DORME, COM UM DOS BRAÇOS PENDENTE. ENTRA ISOLDA).

ISOLDA - acorde, companheira. Há ainda um longo caminho a percorrer.

EUFRÁZIA (ACORDANDO, AINDA TONTA) - Estou no Poleiro das Almas?

ISOLDA - Ainda não. Estamos no hospício.

EUFRÁZIA - Eu? No hospício? Que loucura! (NT) Sonhei com você.

ISOLDA - Você não me tira da cabeça!

EUFRÁZIA - Pensei que fosse o contrário! (OLHA EM VOLTA) Parece que isto aqui é um marasma!

ISOLDA - Vai deixar de ser! Que que você prefere: comédia ligeira, comédia erótica ou besteiro!

EUFRÁZIA - Que bobagem é essa?

ISOLDA - Psiu! Tá entrando alguém.

(ENTRAM EM CENA UM MÉDICO, SEGUIDO DE UM CASAL. CADA UM VEM PUXANDO UMA CADEIRA. SENTAM-SE).

MÉDICO - Vamos fazer a sua ficha.

MULHER (AFLITA) - Espere. Doutor, eu não tô louca. Pelo amor de Deus, acredite em mim!

MÉDICO (PATERNAL) - Claro que você não está louca.

MULHER - Então, por que ele me trouxe pra cá?

MARIDO - Querida, você precisa repousar um pouco, anda muito nervosa.

MULHER (NERVOSA) - Eu não tô nervosa. Doutor, eu só queria... Acredite, eu sou uma boa mãe, eu adoro os meus filhos, adoro o meu marido, adoro a minha casa... Eu só queria... eu só queria...

MÉDICO - Calma, minha filha. Você só precisa descansar um pouco...

MULHER (MAIS NERVOSA) - Não tô cansada... quer dizer, tô, mas não é bem isso... Eu só queria... Doutor...

MARIDO - Querida, você precisa voltar a se alimentar normalmente. Doutor, ela finge que come, nas não come, esconde a comida, joga fora...

MULHER - Não é verdade, doutor... Eu só queria...

MÉDICO - Tudo bem, tudo bem, acalme-se. Ninguém tá dizendo que você está louca. Você tem um problema, não é grave, mas precisa de cuidados.

MULHER (PARA O MARIDO) - Por favor, não me deixa aqui! Eu só queria... (CHORA)

Doces fragmentos de loucura

Me abraça, por favor, me abraça.

(O MARIDO A ABRAÇA FROUXAMENTE. ELA SE AGARRA A ELE, EM PRANTOS).

MULHER - Não me deixa aqui. Juro que vou comer, como o que você quiser, juro...

MÉDICO - Vá dar uma voltinha com ela, vá.

(O MARIDO VAI SAINDO COM A MULHER, QUE AGORA CHORA MAIS ALTO).

MARIDO - Qué isso? Não dê escândalo!

(ENTRA ISOLDA, AGORA NO PAPEL DA MULHER ASSASSINA. TEM A ROUPA EM FARRAPOS, O CORPO QUASE TODO À MOSTRA. EMPURRA UM CARRINHO DE ROLIMÃ, ONDE HÁ QUATRO BONECOS ENSANGUENTADOS. CANTA UMA CANÇÃO DE NINAR E SORRI. FAZ CÍRCULOS EM VOLTA DO MÉDICO, QUE NÃO LHE DÁ ATENÇÃO)

VOZ OFF DE ISOLDA - Esta mulher chegou em casa, exausta, encontrou o marido bêbado, que bateu nela, os filhos famintos, berrando, pedindo comida, que não tinha. Ela pirou. Matou o marido e os filhos a machadadas. (NT) Que acha da estória, D.Eufrázia?

EUFRÁZIA - Não dá comédia erótica, muito menos ligeira!

(A MULHER ASSASSINA CONTINUA A EMPURRAR O CARRINHO E A SORRIR)

(AGORA ENTRAM DUAS MULHERES, MÃE E FILHA. A PRIMEIRA TEM UM BRAÇO SOBRE OS OMBROS DA OUTRA E A CONDUZ. A FILHA PORTA UMA BOLSA, DE ONDE TIRA CHOCOLATES E OS DEVORA SEM PARAR. JÁ É MULHER FEITA, MAS TRAJA-SE INFANTILMENTE. AS DUAS SE SENTAM EM FRENTE AO MÉDICO).

MÃE - Pára de comer, menina! (A FILHA CONTINUA COMENDO) Tá vendo, doutor? Não sei mais o que fazer. Ela fica o dia inteiro assim. Faço a feira e no dia seguinte a geladeira tá limpa. Se sai na rua, compra um quilo de chocolate. Se não dou dinheiro pro chocolate, ela rouba e me causa vergonha. Eu e o pai dela somos pessoas de bem. Criamos ela com todo o rigor, exigindo muito. Nada dessa história de ficar na rua com amiguinha que - sempre levam pro mau caminho. Sempre disse pra ela: minha filha, sua melhor amiga é sua mãe. E ela me ouvia. Até um ano atrás, era uma boa menina, obediente, estudiosa, só saía de casa pra ir a um cineminha comigo e o pai, nunca pensou em namorado, por que eu dizia pra ela: minha filha, namorado só pra casar, quando você terminar os estudos, aprender a ser dona-de-casa, mãe, esposa...

MÉDICO (JÁ SUFOCADO, CORTANDO-A) - Um momento. Quantos anos tem a sua filha?

MÃE - 20. Eu sei que o senhor vai dizer que ela ainda é muito criança. Eu sei disso, mas ela tá levando longe demais esse capricho de comilona. Não vai à escola, não se interessa mais pela novela das oito que gostava tanto, se recusa até a tomar banho, só quer comer, comer, tá engordando, via ficar obesa, vai terminar solteirona, que homem vai querer uma moça deformada pela gordura? E eu que faço tudo pra que minhas filhas se casem bem, a mais velha é casada com um oficial da Marinha, a do meio com um bancário, que é mulato, mas não pode ter marido melhor, dá do bom e do melhor a ela...

MÉDICO - Pare, minha senhora, pare, a senhora tá me enlouquecendo. Fique calada, quieta, por favor. Quero conversar com sua filha. (PARA A MOÇA, PATERNAL). Vamos bater um papo, vamos? Você pode falar de boca cheia, eu não me incomodo. Me diga primeiro como é o seu nome.

MÃE - Responde, menina.

MÉDICO - Cale-se, minha senhora. (PRA MOÇA) Minha filha, eu só quero te ajudar, mas para isso é preciso que você converse comigo. Me diga porque está comendo tanto. Você tem muita fome? Não. nem tanta. Você não gosta mais de estudar, tá de saco cheio de livro, é isso? Escute, você é uma garota muito bonita. Não tem vontade de arrumar um namoradinho, que te leve ao cinema...

MÃE - Não, doutor, isso o pai dela...

MÉDICO - (ENFURECIDO) - Feche essa matraca! (PRA MOÇA) Não tenha medo, responda, só quero saber o que há com você pra te ajudar. (DESCONTROLANDO-SE). Pare de comer esses chocolates nojentos! (CONTROLANDO-SE) Eu já sei o que você tem. Você está com raiva da sua mãe, não é?

MÃE - Como que ela pode ter raiva de mim? Eu faço tudo, eu me sacrifico...

MÉDICO (ENLOUQUECIDO) - Pare com isso! Eu não aguento mais ouvir você dizer que se sacrifica por mim, que sou ingrato, que vou te matar de tanto desgosto... (AVANÇANDO PRA MULHER, AOS BERROS). Eu vou te matar mesmo, mas com essas mãos, vou te estrangular, sua filha da puta, megera, vampira...

(A MULHER SAI CORRENDO COM O MÉDICO ATRÁS QUERENDO PEGÁ-LA).

(A MOÇA DÁ UM SORRISO MAROTO. OFERECE UM CHOCOLATE PRA MULHER DO CARRINHO DE ROLIMÃ. SENTA-SE SOBRE OS BONECOS ENSANGUENTADOS NO CARRINHO QUE A MULHER CONTINUA A EMPURRAR, CADA VEZ COM MAIS VELOCIDADE. AMBAS, CONTURA E PASSAGEIRA RIEM MUITO).

(VOLTA A PRIMEIRA MULHER, A QUE NÃO QUER COMER).

EUFRÁZIA (TONITROANTE) - Bem vindas à casa de Eufrázia, meninas!

(AS DUAS MULHERES DO CARRINHO DE ROLIMÃ PARAM E OLHAM PARA EUFRÁZIA. A TERCEIRA MULHER APROXIMA-SE).

EUFRÁZIA - Vamos nos apresentar. Eu sou Eufrázia, a velha elefanta.

COMILONA (DE BOCA CHEIA) - Sou Lenita, mas pode me chamar de Lelé, lelé da cuca (RI INFANTILMENTE).

A QUE NÃO COME - Sou Diana.

EUFRÁZIA - Nossa Lady Di! (PARA A MULHER ASSASSINA) E você ?

(A MULHER SOLTA APENAS UM GRUNHIDO).

EUFRÁZIA - Bloody Mary, minha querida Bloody Mary! Diga-me uma coisa: a classe F já tomou o poder?

(BLOODY MARY GRUNHE NOVAMENTE).

EUFRÁZIA - Você não devia ter acabado com o Cuba Libre. O Cuba era um Líder, poderia ter levado a sua classe aos píncaros da glória! Como vocês veem, uma esposa ofendida é um perigo para a revolução socialista! Agora, os F estão fudidos mesmo!

VOZ OFF DE ISOLDA - D.Eufrázia, mesmo considerando a ironia, isso parece papo de comunista. Está-se apoderando do meu espírito?

(ENTRA UM ENFERMEIRO E ABRE UMA PORTA CORREDIÇA OU CORTINA AO FUNDO DO ESPAÇO CÊNICO).

Doces fragmentos de loucura

ENFERMEIRO - Está na hora do banho de sol das minhas prezadas furiosas.

(APARECEM ENTÃO, POR TRÁZ DE UMA GRADE, TRÊS BONECAS ACORRENTADAS. SÃO AS LOUCAS FURIOSAS. CADA UM DELAS ESTÁ VESTIDA E MAQUILADA DE ACORDO COM O QUE PENSA SER: A BONECA 1 JULGA-SE BAILARINA, A 2 ACREDITA SER UMA RAINHA E A 3 ESTÁ CERTA DE QUE É MARIA BONITA, A MULHER DE LAMPIÃO). (QUANDO O ENFERMEIRO DESCOBRE A GRADE E FALA, OUVEM-SE SUAS VOZES).

VOZ BONECA 1 - Sr. Coreógrafo, eu não aguento mais dançar o "Lago dos Cisnes"!

ENFERMEIRO (DANDO UMA RISADA) - Que tal "BELA ADORMECIDA", hein, gatinha? Quer um choquinho pra adormecer?

VOZ BONECA 2 - Vossa rainha ordena camarões para o jantar.

ENFERMEIRO - Vou já lhe trazer um feijão, Majestade. (PARA A BONECA 3). E você aí, Maria Bonita, é verdade que o Lampião é veado?

VOZ BONECA 3 - É. E vai te enfiar uma bala no cu, seu macaco do Governo.

ENFERMEIRO - Sou eu quem vou te enfiar no cu e é um choque, sua putinha de cangaceiro.

VOZ BONECA 2 - Marquês, diga que ordeno a invasão da Alemanha imediatamente.

ENFERMEIRO - Perfeitamente, Majestade. (RI). (APROXIMA-SE DAS 4 MULHERES) Vamos para o banho.

EUFRÁZIA - Será que estamos cheirando mal?

ENFERMEIRO - Eu é que não vou verificar, vovó.

EUFRÁZIA (PETULANTE) - Não sou sua avó. Me respeite!

ENFERMEIRO (RINDO DEBOCHADO) - Deixe de brabeza, vovó. Aqui a gente amansa até onça parida. Vamos pro banho. (SEGURA NO BRAÇO DE EUFRÁZIA).

EUFRÁZIA (AFASTANDO A MÃO DO ENFERMEIRO) - Agradeço a sua gentileza. A minha amiga Bloody Mary vai me dar uma carona.

(EUFRÁZIA SENTA-SE SOBRE OS BONECOS ENSANGUENTADOS NO CARRINHO DE MÃO. BLOODY MARY VOLTA A CANTAR AO DAR MARCHA NO CARRINHO. O GRUPO VAI SAINDO DE CENA, ENQUANTO A LUZ MORRE).

CENA 2

(AS QUATRO MULHERES DORMEM. ENTRA O MÉDICO, ACOMPANHADO DO ENFERMEIRO)

MÉDICO - Ué, as pacientes ainda não acordaram? Há quantas horas estão dormindo?

ENFERMEIRO (NERVOSO) - Tem bem umas quinze horas, doutor. Não sei que que aconteceu!

(O MÉDICO SACODE UMA POR UMA)

MÉDICO - Estão em sono profundo. (ACUSADOR) Você aumentou a dose do remédio? Aumentou?

ENFERMEIRO - Um pouco só, um pouquinho só, doutor. Tavam muito agitadas. A velha é muito folgada, doutor, me desrespeitou...

MÉDICO - Idiota, imbecil, incompetente! Tá pensando que isso aqui é hospital do Governo?

ENFERMEIRO - Né não, doutor, mas tá cheio de segurada e essa gente...

MÉDICO - Nessa ala, só essa pobre infeliz (APONTA BLOODY MARY) é segurada. As outras são pagantes. Se morrerem de overdose, você vai ver o rebu e aí eu te meto em cana, seu carcereiro de merda! (SAINDO) Se não acordarem dentro de uma hora, me chame.

(O ENFERMEIRO SACODE AS MULHERES. ELAS NÃO REAGEM).

ENFERMEIRO - Filhas da puta, vocês me pagam! (SAI)

EUFRÁZIA (LEVANTANDO-SE) - Acordem, meninas está um lindo dia de sol!

(AS MULHERES SE LEVANTAM DANDO RISADAS).

LELÉ (TIRANDO CHOCOLATES DA CALCINHA E DEVORANDO-OS). - Eu já não aguentava mais essa lei seca!

(BLOODY MARY RECOMEÇA A CANTAR E A EMPURRAR O CARRINHO DE ROLIMÃ).

LELÉ (DE BOCA CHEIA) - Dona Eufrázia, a senhora não me parece nada maluca, é mesmo é muito espera! Por que está aqui?

EUFRÁZIA - Fui acusada de tentar fazer uma revolução de mendigos!

LELÉ - De mendigos? A senhora? (DÁ UM RISO INFANTIL).

EUFRÁZIA - Bloody Mary era uma das líderes dessa insurreição.

LELÉ - Ela? Ela nem fala, só grunho! A senhora a conhece mesmo? Ela sempre foi assim?

EUFRÁZIA - A classe F não fala como nós. (CONFIDENCIAL). Eles se comunicam por sons, como os marcianos.

LELÉ - Invasores?

EUFRÁZIA - Pelo menos é o que muita gente pensa. Ninguém sabe como surgiram e porque aumentam dia a dia! Surgem do nada, muitos deles já adultos!

LELÉ - Vai ver que são ETs disfarçados de mendigos!

EUFRÁZIA - Quem sabe!

Doces fragmentos de loucura

LELÉ - Ai, vamos mudar de assunto, senão eu fico nervosa e não paro de comer.

DIANA - Esses teus chocolates me embrulham o estômago. Você podia pelo menos não se lambuzar tanto!

LELÉ (EMPURRANDO UM CHOCOLATE NA BOCA DA OUTRA) - Come umzinho, Lady Di.

DIANA - (RECUANDO) - Não !!! (TEM ÂNSIAS DE VÔMITO, MAS NÃO CONSEGUE VOMITAR. CHORA).

LELÉ (ACUDINDO-A, CULPADÍSSIMA) - Desculpe, Lady, desculpe. Eu sou mesmo um monstro, eu não presto. (ABRAÇA A OUTRA). Mas você não vai ficar com raiva de mim não, vai? Responde. Diz que não vai ficar de mal comigo, diz.

DIANA (CHORANDO) - Não, não vou...

LELÉ - Obrigada. Não chore. Você vive chorando, vive de baixo astral!

DIANA - Eu só queria...

LELÉ - O que, o que você queria?

DIANA - Eu só queria... não sei... eu não devia... coitadinhos dos meus filhos... meu marido tem razão... Sou tão ruim que tô gostando de ficar aqui... (CHORA).

LELÉ - Gostando? Nesse astral!

DIANA - Você não percebeu que eu almoço e janto todo dia? (CHORA).

LELÉ - Isso é ótimo! Quer dizer que você tá se curando! Vai poder voltar pra casa!

DIANA (GRITA) - Eu não quero! (CHORA) Ô, meu Deus, eu só queria...

LELÉ - Você não quer voltar pra casa? Engraçado, pensei que fosse só eu... A senhora quer voltar pra casa, D. Eufrázia?

EUFRÁZIA - A velha elefanta já está a caminho do Poleiro das Almas, minha filha.

LELÉ (RI) - A senhora é um barato, da pesada! E Bloody, será que ela quer... (NESTE MOMENTO, ELAS VEEM QUE BLOODY MARY ESTÁ ABRINDO A JAULA DAS LOUCAS FURIOSAS).

LELÉ - Não, Bloody!

(OUVEM-SE AS VOZES DAS LOUCAS FURIOSAS, FALANDO AS MESMAS COISAS DE ANTES, MAS AO MESMO TEMPO, NUMA BARULHEIRA INFERNAL).

VOZ OFF ISOLDA (SUSSURRA) - Psiu! Fiquem quietas, senão eles ouvem! Nós vamos soltar vocês.

(PÁRAM AS VOZES. LELÉ E DIANA PROTEGEM-SE MUTUAMENTE, AMEDRONTADAS)

EUFRÁZIA - Lelé, Lady Di, venham cá, meninas. Vejam! Algum louco prendeu três mulheres famosas nessa jaula. Soltem nossas companheiras, eu já não posso me agachar.

(LELÉ E DIANA VÃO-SE APROXIMANDO, AINDA AMEDRONTADAS. BLOODY MARY TIRA A CORRENTE DOS PÉS DA BONECA BAILARINA, "VESTE" A BAILARINA (A ATRIZ COLA-SE À BONECA) E GANHA O ESPAÇO ACOMPANHADO OS MOVIMENTOS DA MÚSICA DE UM BALIET CLÁSSICO. LELÉ PERDE O MEDO E CORRE A LIBERTAR A BONECA RAINHA. "VESTE-A", SOBE NO

CARRINHO DE ROLIMÃ E FICA ACENANDO PARA UM LADO, PARA O OUTRO, COMO SE PASSASSE NO MEIO DE UMA MULTIDÃO QUE A REVERENCIA E APLAUDE. FINALMENTE, LADY DI "VESTE" A BONECA MARIA BONITA, EMPUNHA A ESPINGARDA, COMEÇA A ATIRAR, FAZ TODA UMA "MIS-EN-SCÈNE" DE ATAQUE E DEFESA NA CAATINGA. MISTURAM-SE OS SONS DA MÚSICA CLÁSSICA, APLAUSOS, E OS TIROS DE MUITAS ESPINGARDAS NA GERRILHA DA CAATINGA).

(DEPOIS DE MUITO REPRESENTARAM AS SUAS FANTASIAS, ELAS VÃO-SE AQUIETANDO, EXAUSTAS. AS ATRIZES LIBERTAM-SE DAS BONECAS)

(LADY DI ROUBA UM CHOCOLATE DE LELÉ E O COME COM PRAZER)

(BLOODY MARY APROXIMA-SE DO CARRINHO DE ROLIMÃ E PEGA NOS BRAÇOS OS BONECOS ENSANGUENTADOS. ABRAÇA-OS. CHORA. PASSA DO CHORO À GARGALHADA).

BLOODY MARY - Pessoal, vamo enterrar esses presunto.

(Black-out)

CENA 3

(PELA PLATÉIA ENTRA UM REPÓRTER DE ALGUM "FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA". EMPUNHA UM MICROFONE, FALA PARA A CÂMERA ENQUANTO ANDA EM DIREÇÃO AO PALCO).

REPÓRTER - Estamos chegando a um manicômio, onde acontece neste momento um fato curioso. (APONTA) Aqui neste prédio, mais de 200 mulheres, que sofrem das faculdades mentais, foram abandonadas à sua sorte. Médicos, enfermeiros e demais funcionários deixaram o hospital há três semanas e desapareceram. Até agora, não há nenhuma explicação para o fato. Mas o incrível é que as pacientes, ou melhor, as loucas, assumiram a administração da casa, e parece que com muita lucidez!

(CHEGA AO ESPAÇO CÊNICO, ONDE JÁ O ESPERAM EUFRÁZIA, BLOODY MARY, LADY DI E LELÉ)

REPÓRTER - Estas senhoras são a cúpula da atual administração do hospital. Muito prazer. (APERTA A MÃO DE CADA UMA DAS MULHERES) (PARA EUFRÁZIA) A senhora é a Diretora?

EUFRÁZIA - Não, não queremos formar Diretoria, pelo menos nos moldes das anteriores. Pretendemos ser menos loucas.

(RISOS)

REPÓRTER - Realmente, o que aconteceu aqui parece uma grande loucura, talvez um mistério. A senhora poderia contar como tudo aconteceu?

EUFRÁZIA - Sou cega, meu filho. Os cegos não vêem muita coisa, não é? Mas Lelé e Bloody Mary viram quase tudo.

REPÓRTER - Quem é Lelé?

LELÉ - Sou eu. Bom, eu não cheguei a ver, mas ouvi. Pensei que fosse um pesadelo. Era de madrugada. Um barulho doido, dei um pulo da cama e a Bloody entrou correndo no quarto.

B.MARY - Eu tava no banheiro. O xixi ficou pela metade. Saí correndo pro pátio. Quando cheguei lá, vi um bando de aviãozinho diferente...

LELÉ - Eram helicópteros.

B.MARY - Desceu tudo de uma vez e, mal encostaram no chão, os médicos, enfermeiros, funcionários, foram se enfiando dentro deles e eles levantando vôo.

REPÓRTER - Quer dizer que, em pouco minutos...

DIANA - Eu nem cheguei a ver os helicópteros!

REPÓRTER - E aí, que que vocês fizeram? Ficaram com medo? Pensaram em fugir?

DIANA - Eu fiquei morta de medo.

LELÉ - A gente pensou logo em fugir, mas, de repente, todo mundo se deu conta que ninguém queria voltar pra casa.

REPÓRTER - Aqui é melhor?

LELÉ - É bem mais divertido! (RI SEU RISO INFANTIL)

REPÓRTER - Bom, e aí vocês resolveram assumir a administração?

EUFRÁZIA - Pretendíamos, mas não foi possível.

REPÓRTER - Por que?

EUFRÁZIA - Se as paredes não estivessem tão sujas, parecia que a casa estava sendo inaugurada. Sumiram os aparelhos, inclusive os de TV. Na sala da Diretoria, só deixaram o arquivo e o cofre, absolutamente vazios.

LELÉ - Na despensa, só tinha arroz e feijão! Eu não aguento mais comer arroz e feijão! O senhor, por acaso, tem aí um chocolate?

REPÓRTER - Não, infelizmente não, mas prometo lhe trazer amanhã. (Encarando a câmera) Vamos lançar agora mesmo uma campanha. Quem puder mandar víveres para este hospital, mande. Aqui estão mais de duzentas pacientes, vítimas da irresponsabilidade dos seus médicos, resistindo bravamente. Vamos ajudá-las. (VOLTANDO-SE PARA EUFRÁZIA) Mas então estava tudo saqueado? Até a comida? Mas vocês não tentaram...

EUFRÁZIA - Tentamos comprar fiado, sim.

LELÉ - Aí a gente descobriu que o manicômio tava mais pendurado do que judas em Sábado de aleluia.

REPÓRTER - Será que não há algum dinheiro em bancos? Quem sabe, uma distração...

EUFRÁZIA - Ligamos pra todos os bancos. Do outro lado da linha, só ouvimos uma revoada de papagaios.

(RISOS)

DIANA - (CONFIDENCIAL) - O dinheiro tá todo na Suíça!

REPÓRTER - Na Suíça? Ah, que pilantras!

DIANA - Não é uma maravilha? Estamos salvas!

REPÓRTER (INTRIGADO) - Como?

EUFRÁZIA - Já entramos em contato com a Suíça. Vamos entregar a administração da casa a um conglomerado nórdico: Suíça, Suécia e Dinamarca.

LELÉ - Eles vão tomar conta da gente numa boa!

REPÓRTER (ENGASGADO) - Mas isso... Vocês estão falando sério?

EUFRÁZIA - Claro. O senhor acha que poderia ter melhor solução? Eles são super-organizados, honestos, porque têm dinheiro de sobra, não têm problemas objetivos. Quer dizer, exatamente o contrário de nós.

REPÓRTER - (MAIS ASSUSTADO) - E eles aceitaram?

LELÉ - Adoraram a idéia! Sabe por que? Porque os loucos deles lá são muito chatos. Todos maníaco-depressivos, se matam de tédio!

B.MARY - E eles adoram a gente, a cor da gente, o calor! Diz que lá é tudo branco, as plantas, o povo, tudo coberto de neve. Já pensou que coisa mais triste?

REPÓRTER (INDIGNADO) - E por isso as senhoras vão fazer do hospital uma colônia deles? Vão ser escravas deles? Por que não chamam também os americanos?

EUFRÁZIA - Não, isso não. Eles iam trazer em carne e osso o Mickey e o tio Patinhas, as bonecas infláveis, iam querer botar a Elizabeth Taylor de estilista do hospital... É uma gente de muito mau gosto!

Doces fragmentos de loucura

LELÉ (EUFÓRICA) - O senhor sabe que temos aqui uma pequena cinemateca? E sabe quem vem dirigir? O Ingmar Bergman, aquele dos "Gritos e Sussurros"!

REPÓRTER - Isso é um acinte ao cinema nacional.

DIANA - Não sei porque está tão nervosa! Acho que não entendeu a nossa intenção. (CONFIDENCIAL) Queremos comprometer os gringos! Eles vão ter a responsabilidade de cuidar de nós, com se fôssemos seus filhos, entende?

EUFRÁZIA - Filhos legítimos! Não vamos admitir que cheguem aqui, se aproveitem das mulheres e, na volta, levem uma mulata. Isso não!

REPÓRTER - As senhoras são realmente lucas! É, e eu aqui discutindo com doido! Imagina se os suecos vão querer esta espelunca!

LELÉ - Os suecos? Estão chorando de emoção! O senhor não sabe que a rainha da Suécia é brasileira? Se chama Sofia! A gente exigiu que o acordo tivesse a assinatura dela. Ela vai ser a nossa mãe!

DIANA (CONFIDENCIAL) - O único problema é que todos os pacientes do hospital de lá querem vir. Sabe por que? A bebida lá é muito cara! Eles tão doidos pra encher a cara de cachaça!

B.MARY (SENSUAL) - Tomara que venha tudinho! Aqueles homens louros, de olho azul!

REPÓRTER - Colonizadas, entreguistas! (AOS BERROS) Chega! Fiquem sabendo que isso não vai acontecer, os gringos não vão botar as patas aqui dentro. Este hospício é nosso! Vou fazer uma campanha, vou recorrer ao Exército, à Marinha, à Aeronáutica. Se preciso for, recorrerei até aos Estados Unidos! (SAI FURIBUNDO).

VOZ OFF ISOLDA - Que sujeito burro! Não sabe reconhecer uma idéia genial!

(AS MULHERES VÃO SAINDO DE CENA, ENQUANTO A LUZ MORRE)

(BOMBARDEIO EN SONS, LUZES E FUMAÇA)

(BLACK-OUT)

QUADRO V - "Poleiro das Almas"

CENA 1

(A FUMAÇA, QUE SOBROU DO BOMBARDEIO, FORMA AGORA NUVENS NO ESPAÇO CÊNICO, ONDE, À GUIA DE POLEIROS, HÁ BALANÇOS PENDURADOS EM DIFERENTES NÍVEIS DO CHÃO. QUANDO A CENA SE ILUMINA, VEMOS EUFRÁZIA, LELÉ E DIANA, CADA UMA DELAS EM SEU POLEIRO. ENTRA ISOLDA, PULA EM UM BALANÇO VAGO, COM A DESTREZA DE UMA GINASTA)

EUFRÁZIA - Viu em que deu o seu realismo, minha Virgínia Woolf de bairro?

ISOLDA - Não pretendia um final tão trágico, mas aquele repórter enxerido dedurou pro Tio Sam!

LELÉ - Mas foi um barato! Os gringos brigando pelo nosso hospício, se matando! Tá-tá-tá-tá...

DIANA - E nos matando, sua tonta.

EUFRÁZIA - Enfim, a velha elefanta chega ao "Poleiro das Almas"! Onde está Bloody Mary?

LELÉ - Encarnou.

EUFRÁZIA - Já? Mal chegou, coitada!

ISOLDA - Ordens de cima, minha querida.

EUFRÁZIA - O que significa isso? Aqui também?

ISOLDA - Deus!

EUFRÁZIA - Ora, você não acredita nisso.

ISOLDA - Passei a acreditar em tudo!

EUFRÁZIA - Em quem Bloody Mary encarnou, vocês viram?

LELÉ - Olhe pra baixo. Tá vendo aquele casinha? Vi quando ela baixou ali.

EUFRÁZIA - Vai ser pobre outra vez! Que horror!

LELÉ - Só não quero voltar a ser mulher. Um pai de santo me disse que eu tava encarnando a quinta mulher. Tô exausta e aporrinhada!

DIANA - Pois eu não quero voltar é a ser gente. Quero ser bicho, planta, pedra e viver bem longe de gente.

LELÉ - Lady Di, você é tão esquisita!

ISOLDA - Na pele do que quer que seja, a gente sifo, quando só pensa no futuro. O futuro, ainda não existe! Eu quero o aqui e agora! (CANTAROLA, PUXA DO BOLSO UM ESPELHINHO E FICA A SE OLHAR)

LELÉ - Coisa mais filosófica! Quem é ela?

EUFRÁZIA - Uma escritora.

DIANA (AZEDA) - Logo vi!

LELÉ - Ela é um barato! É louca também?

EUFRÁZIA - Não parecia, mas ficou.

LELÉ - Como que ela pirou?

EUFRÁZIA - Contando pedaços de estórias. (CONFIDENCIAL) Emenda uma... na outra, confunde realidade com ficção, entra nos próprios personagens!

LELÉ - É varridona, então! Que que ela tá fazendo?

EUFRÁZIA - Carregando a bateria.

LELÉ - Não entendi.

EUFRÁZIA - Não é pra entender. Mistério! (CHEIRA O AR) Está sentindo?

LELÉ - O mistério?

EUFRÁZIA - Não, um cheiro. Isolda, que cheiro é esse?

ISOLDA - Bafo concentrado de cachaça. Adivinhe!

EUFRÁZIA - Cuba Libre!

(SURGE UM MENDIGO EMPOLEIRADO, BEM NO ALTO)

EUFRÁZIA - Cuba! Você desencarnou e a cachaça não se evaporou?

C.LIBRE (PUXA A GARRAFA DE DENTRO DOS FARRAPOS) - Tampei o gargalo!
(TOMA UNS GOLES.OFERECE PRA DIANA) Vai nessa?

DIANA (RECUANDO ENOJADA) - Não, obrigada.

C.LIBRE - Tá com nojo, dona? Hum, pobre aqui tem cartaz! Olha eu aqui olhando de cima aquela madame que jogava resto de comida pra mim. Aqui num tem fudido da sorte não!

(ALGO ATINGE A CABEÇA DE CUBA LIBRE, QUE TONTEIA, PROVOCANDO RISOS)

C.LIBRE - Será que num tem mesmo?

ISOLDA - É um meteoro.

LELÉ - Vai ver que os anjinhos brincam jogando meteoro nas almas!

C.LIBRE - Eu quebro a asa dum puto desses!

ISOLDA - Cuba, você já encontrou Deus?

C.LIBRE - Tá todo mundo atrás desse cara. Deve ser um importantão!

LELÉ - Que que se faz aqui?

C.LIBRE - Nada, graças a Deus! Fica todo mundo esperando pra descer. Eu num quero descer nunca mais. Tô aposentado.

DIANA - Começo a achar que isso aqui é muito chato. Não acontece nada!

LELÉ - É. Não tenho nem vontade de comer!

DIANA - Comida é um vício nojento da carne. Nós desencarnamos, ainda não percebeu?

LELÉ - Cê já tava desencarnada lá embaixo, sua enfastiada! (NT) Acho que tem alguma coisa errada comigo. O Cuba Libre não deixou de ter vontade de beber!

C.LIBRE - É que subi agarrado na garrafa!

Doces fragmentos de loucura

ISOLDA - Cuba, isso aqui é um lugar de purificação. Temos uma grande responsabilidade sobre as novas gerações. Se você encarna, o bebê já nasce todo avariado. Já pensou nisso?

C.LIBRE - Tô aposentado.

DIANA - Quando terminar esta garrafa, você vai começar a sentir tédio e vai querer descer. Você vai ver...

C.LIBRE - Quando terminar essa, sei onde achar outra!...

LELÉ - Onde, Cuba? Será que tem comida também?

DIANA - Mas você nem tá com vontade de comer!

LELÉ - Posso ficar, ora! Tenho que me distrair com alguma coisa. Onde, Cuba?

C.LIBRE - Num posso dizer.

DIANA - Ai, meu Deus, tomara que chova. Se chover, a gente vai ter que procurar abrigo. É alguma coisa pra fazer!

ISOLDA - Alma não se molha, Lady Di.

DIANA (CHORA) - Saudade do meu marido, dos meus filhinhos!

LELÉ - Eh, agora ela pirou mesmo! No hospício você chorava pra não voltar pra casa!

DIANA - Mas eles iam lá me ver, ora! E eu me sentia tão culpada! Eu queria, eu queria... Vou pedir pra descer. A quem que eu peço?

ISOLDA - A Deus.

DIANA - Mas cadê Ele? Como que Ele pode deixar a gente assim? Não diz nada, não exige nada, não reclama! Ele não é pai?

ISOLDA - É, mas parece que deixa os filhos totalmente soltos. Deve ser um liberal!

DIANA - Ô, meu Deus, que que eu vou fazer da minha vida? Cuba, quer casar comigo?

C.LIBRE - Nem morto! Tô aposentado.

DIANA - Ô, meu Deus, eu queria, eu queria...

ISOLDA - Serve uma dor de dente, Lady Di?

C.LIBRE - Tome um trago pra se acalmar, dona.

DIANA (HISTÉRICA) - Não!

LELÉ - Gente, é preciso fazer alguma coisa. Dona Eufrázia, a senhora fica aí só cochilando!

EUFRÁZIA - Tô com o Cuba, me aposentei!

LELÉ - Também já tô ficando nervosa. Conta uma estória. Você não é escritora?

ISOLDA - Fui. Agora não sou nada. Sou uma simples alminha zero quilômetro esperando pra virar bebê!

DIANA - Eu vou pirar, eu vou pirar!

C.LIBRE - Ai, ai, ai, alma pirada é pior que penada!

ISOLDA - Essas meninas não sabem viver sem problemas! Só mandando elas de volta pro Brasil!

C.LIBRE - E tem jeito de ir pra outro lugar?

ISOLDA - Tem, Cuba. Você pode ser mandado pra Suécia, por exemplo. Lá, você já vai nascer com tudo garantido: casa, comida, roupa, estudo, emprego... Pode ser chato, mas é ótimo!

C.LIBRE - Num quero. Tô aposentado.

DIANA - Deus! Deus! Pelo amor de Deus, socorro! (CHORA)

ISOLDA - Calma, Lady. Olha, quem sabe na próxima encarnação você casa com um príncipe, hein?

LELÉ - Não brinca, ela tá pirando mesmo. E daqui a pouco sou eu. Será que não tem nada pra fazer na porra desse poleiro?

EUFRÁZIA - O que você está pretendendo, Isolda?

ISOLDA (FALSA) - Eu? Nada. Parece que aqui nada acontece mesmo! Que tal um pouco de Virgínia Woolf? (CITANDO V.WOOL) " Tal será a nossa condição que devemos receber, diariamente, a morte, em pequenas doses, para podermos prosseguir na empresa da vida? Teria Orlando - despedaçado pelo seu extremo padecimento - morrido por uma semana, e ressuscitado depois? E, se assim foi, qual é a natureza da morte, e qual a natureza da vida? Depois de esperarmos mais de meia hora por uma resposta, e vendo que não vem nenhuma, continuemos com a narrativa"... (SORRI ENIGMATICAMENTE)

EUFRÁZIA - Bruxa! Você se apoderou do meu espírito.

ISOLDA (DÁ UMA RISADA) - Apenas tomei de volta o que era meu!

EUFRÁZIA - Não faz mal. Eu me aposentei.

ISOLDA (DOCE) - Não, minha querida elefanta. Vou picotar você todinha e joga seus pedaços pelo espaço, como semente!

EUFRÁZIA - Não me faça chorar. Me sinto tão frágil! Cuba, dê-me um pouco dessa aguardente.

C.LIBRE (ATIRANDO A GARRAFA) - Vai fundo, coroa! (SACA OUTRA GARRAGA DE DENTRO DOS FARRAPOS)

LELÉ - Lady, pára de chorar. Olha, vamos sair por aí procurando Deus?

DIANA - Tenho medo. Aqui não tem chão! Onde que eu piso?

LELÉ - Nas nuvens, sua boba.

DIANA - A nuvem é fofa. A gente cai lá embaixo.

LELÉ - Melhor. Você não quer descer?

DIANA - Quero, mas não assim...

LELÉ - Assim, como?

DIANA - Alguém não vai mandar a gente descer?

LELÉ - Sei lá!

DIANA - Prefiro esperar. Ô, meu Deus, tem piedade de uma pobre pecadora!

LELÉ - Eu, hein!

EUFRÁZIA (BEBENDO) - Coisa boa danada!

C.LIBRE - Vai fundo, coroa!

Doces fragmentos de loucura

EUFRÁZIA - Estou ouvindo um tango de Gardel!

LELÉ - Não tô ouvindo nada!

ISOLDA - Quer dançar?

EUFRÁZIA - Você também está ouvindo?

ISOLDA - Claro! Quer dançar?

EUFRÁZIA - Não posso. Sinto as pernas pesaaadas! (RI BEBEDAMENTE)

LELÉ - Cuba, me dá um gole.

(CUBA LIBRE JOGA A GARRAFA PRA LELÉ E TIRA OUTRA DE DENTRO DAS CALÇAS)

DIANA - Também quero.

C.LIBRE - Dou não.

DIANA - Por que?

C.LIBRE - O Diabo num quer. E eu quero tá como o Diabo gosta.

LELÉ - Pega, Lady. Mas me devolve logo.

ISOLDA - Êpa, quero entrar também nesse barato. D.Eufrázia, me dê um pouco dessa cachaça de ervas.

EUFRÁZIA - E é de ervas?

ISOLDA - Não sabia? Ervas daninhas... e danadas!

(EUFRÁZIA JOGA A GARRAFA PRA ISOLDA)

EUFRÁZIA (BEBADA) - Bebe, companheira, que isso aqui tá ficando um saco! (ENTRA, BAIXINHO, A MÚSICA "SUPER-HOMEM", DE GILBERTO GIL. ENQUANTO OUVI-SE A PRIMEIRA PARTE DA MÚSICA ("Um dia/ vivi a ilusão/ de que ser um homem bastaria/ que o mundo masculino/ tudo me daria/ do que eu quisesse ter"), SOBREVIA O ESPAÇO UM SER SEMELHANTE AO SUPER-HOMEM E DÁ-SE O DIÁLOGO A SEGUIR)

LELÉ - Agora tô ouvindo uma música!

DIANA (APONTANDO) - É o super-homem! (TIETE) Ai, como ele é lindo! Veio salvar a gene!

LELÉ - Que barato! Mas ele tem qualquer coisa de Mulher Maravilha!

C.LIBRE - É um Super-Homem bicha! (ERGUE A GARRAFA SAUDANDO) Oi, gente boa!

(CONTINUA A MÚSICA, AINDA BAIXINHO ("Que nada/ minha porção mulher/ que até então se resguardara/ é a porção melhor/ que trago em mim agora/ e que me faz viver./ Quem dera/ pudesse o homem compreender/ ô, mãe, quem dera/ ser o verão o apogeu/ da primavera/ e só por ela ser."), ENQUANTO O SUPER-HOMEM DÁ VOLTAS NO ESPAÇO, FALANDO COM ISOLDA)

EUFRÁZIA - Isolda, é Jurací!

ISOLDA - Jurací, você não virou mulher?

SUPER-HOMEM (RI) - Foi isso que você quis dizer? Eu tentei outra coisa!...

ISOLDA - Você... sumiu. Pensei que tivesse me esquecido!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

SUPER-HOMEM - Te trago em min agora, mulher. Vem comigo!

ISOLDA - Não posso. The show must go on!

SUPER-HOMEM - Esse show já terminou!

ISOLDA - Prove que terminou.

SUPER-HOMEM - É uma prova de amor?

ISOLDA - Quem sabe!...

SUPER-HOMEM - Que quer que eu faça?

ISOLDA - Gira o mundo.

SUPER-HOMEM - Já estou girando, não sentiu?

ISOLDA - Mais rápido, até sair do eixo!

(ISOLDA PULA E PASSA A VOAR AO LADO DO SUPER-HOMEM. TODO O ESPAÇO CÊNICO PARECE AGORA GIRAR ALUCINADAMENTE. LELÉ E DIANA GRITAM. EUFRÁZIA E CUBA LIBRE, BEBADOS, GARGALHAM. A MÚSICA PAROU PARA DAR LUGAR AO RUÍDO DO MUNDO GIRANDO. OS POLEIROS BALANÇAM. NÃO CONSEGUINDO MAIS SE SEGURAR, EUFRÁZIA, LELÉ, DIANA E C.LIBRE CAEM DO GALHO, AO MESMO TEMPO. BLACK-OUT, IMEDIATO. INVADE O ESPAÇO A ÚLTIMA PARTE DA MÚSICA DE GIL ("Quem sabe/ o Super-Homem venha/ nos restituir a glória/ mudando como um Deus/ o curso da História/ por causa da mulher."), ENQUANTO UM BANDO DE CEGONHAS DESCEM NO PALCO)

FIM

CITAÇÕES

Virgínia Woolf - "Orlando"

Caetano Veloso - "Força Estranha"

Gilberto Gil - "Super-Homem"

A expressão "Poleiro das Almas" foi tirada de "Viva o Povo Brasileiro", de João Ubaldo Ribeiro (este livro deverá constar na estante da "Casa de Eufrázia")

Doces fragmentos de loucura

